

GUIA DE APRENDIZAGEM AO AR LIVRE EM JUNDIAÍ



Ficha técnica

ALANA

Presidente

Ana Lucia Villela

Vice-presidentes

Alfredo Villela Filho

Marcos Nisti

CEO

Marcos Nisti

INSTITUTO ALANA

Diretora de Gestão de Pessoas e Recursos

Lilian Okada

Diretoras-executivas

Carolina Pasquali

Isabella Henriques

Programa Criança e Natureza

Coordenadora

Laís Fleury

Pesquisadora

Maria Isabel Amando de Barros

Assessora Pedagógica

Paula Mendonça

Assessora de Comunicação

Carolina Tarrío

Assessora de Articulação e Mobilização

Thaís Oliveira Chita

Estagiários

Guilherme França Anastácio

Lucy Matos

Guia de aprendizagem ao ar livre em Jundiá

Coordenação

Laís Fleury

Organização da publicação

Guilherme Anastácio

Paula Mendonça

Redação

Guilherme Anastácio

Paula Mendonça

Angela Barbarulo

Thaís Dantas

Projeto gráfico e diagramação

Anelise Stumpf

Revisão do projeto gráfico

William Nunes

Revisão e preparação de originais

Regina Cury

Crédito intervenções

Louise Freire

Guilherme Blauth

Iniciativa

Instituto Alana

Realização

Programa Criança e Natureza

PARCERIA

Prefeitura de Jundiá

Equipe Técnica Unidade de Gestão de Educação

Prefeito

Luiz Fernando Machado

Gestora de Educação

Prof.^a Vasti Ferrari Marques

Gestora Adjunta Educacional

Prof.^a Tania Regina Roveri do Amaral Gurgel

Supervisora Escolar responsável pelo CIEMPI (Centro Internacional de Estudos, Memórias e Pesquisas da Infância)

Prof.^a Dr.^a Cleane Aparecida dos Santos

Diretora do Departamento de Ensino Fundamental

Prof.^a Dr.^a Marjorie Samira Bolognani

Diretora do Departamento de Educação Infantil

Prof.^a Thais Nonô

Unidade de Gestão de Planejamento Urbano e Meio Ambiente

Arquiteta e urbanista Sylvia Angelini - Diretora do
Departamento de Urbanismo

SUMÁRIO

- 04 Carta às equipes escolares**
- 06 Apresentação**
- 08 Parte 1: diretrizes, bases legais e referências**
 - 08 A natureza como direito fundamental de crianças e adolescentes
 - 15 A natureza a favor da saúde e da reabertura das escolas
 - 17 O acolhimento de educadores e estudantes
 - 20 A aprendizagem ao ar livre
- 35 Parte 2: como planejar a volta às aulas aliada à aprendizagem ao ar livre**
 - 35 Nota sobre o Plano de Reabertura das Escolas do Estado de SP
 - 39 Roteiro e percurso formativo para o planejamento do uso dos espaços ao ar livre
- 69 Parte 3: protótipos e referências no planejamento e uso de espaços ao ar livre**
 - 71 Estudo de caso 1
 - 77 Estudo de caso 2
 - 85 Estudo de caso 3
- 97 Parte 4:**
 - 97 Materiais complementares
 - 98 Publicações e sites
 - 98 Referências

As sugestões neste documento devem ser consideradas de forma complementar, observando as recomendações oficiais dadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pelos órgãos nacionais responsáveis por saúde e educação.



Carta às equipes escolares

Queridas equipes escolares,

Um tempo nunca antes planejado, uma escola nunca antes imaginada!

A pandemia que assolou o mundo bateu às nossas portas com muita força e entrou!

Repensar o cotidiano escolar em momentos como os vividos com a chegada da covid-19 nos fez reorganizar as vidas de todas as pessoas, inclusive as de todos os atores escolares. O risco à vida nos trouxe incertezas de várias grandezas. A saúde emocional, o desenvolvimento das aprendizagens, a insegurança dos adultos da escola, o medo do contágio, o fechamento das escolas, o ensino híbrido e as tecnologias para chegar à casa dos estudantes passaram a fazer parte das discussões educacionais mais profundas.

Nesse tempo, entre 2017 e 2020, como responsável pela Unidade de Gestão de Educação em Jundiaí, falei durante as reuniões com diretores de escola que a educação municipal haveria de passar por profundas transformações, considerando os estudantes do mundo contemporâneo, as necessidades da sociedade e o desejo de criar metodologias e filosofias educacionais que dialoguem com a natureza - elemento essencial para a saúde de todos os seres humanos que, com as tecnologias educacionais que estão à nossa disposição e também dos jovens e crianças, nós, adultos da relação, insistimos em negá-la. O momento da mudança chegou com a pandemia.

Pensar a escola sob a ótica do desemparedamento, da ambientação dos espaços a favor das aprendizagens, da investigação, da experimentação e das vivências a partir dos conteúdos necessários para a vida, é pensar na escola ativa, viva, que atinja nossos melhores sentimentos em favor da infância.

É assim que o município de Jundiaí, por meio da Unidade de Gestão de Educação e do programa Criança e Natureza do Instituto Alana, ouvindo as vozes da cidade, vivendo a realidade das diferentes escolas municipais, avança na perspectiva das novas técnicas, metodologias e ferramentas para melhorar a qualidade do ensino e da vida das pessoas envolvidas nos processos educacionais.

Esperamos que se vejam refletidos e refletidas nas imagens e nos textos que viabilizam olhar para o real e enxergar o ideal, lembrando que nós, profissionais da educação, acreditamos na potência da infância e dos espaços de Jundiaí!

Agradeço às EMEBs Nelson Britto, Marcos Gasparian e Aparecida Merino Elias por nos ajudarem a enxergar as diferenças geográficas, arquitetônicas e de territórios para análise e prototipagem de experiências da rede municipal.

Lembramos que todos os protocolos relacionados à covid-19 são cumpridos com o rigor das recomendações oficiais da Organização Mundial de Saúde (OMS) e demais órgãos nacionais, estaduais e municipais como o Comitê de Enfrentamento ao Coronavírus, além dos responsáveis pelas Unidades de Promoção à Saúde e pela Unidade de Gestão de Educação de Jundiaí.

Ocupemos os jardins, as praças, os parques, os pátios e quadras e os centros esportivos com nossos meninos e meninas da educação infantil à educação de jovens e adultos, trazendo novas possibilidades de ensino e aprendizagem para todos e todas!

Na certeza de dias melhores, minha reverência aos educadores e educadoras do município de Jundiaí.

Prof.^a Vastí Ferrari Marques
Gestora de Educação
Janeiro de 2021

Apresentação



Foto: Rinaldo Martinucci

Crianças na Escola Ágora, em Cotia, SP, durante o retorno às aulas após a flexibilização da quarentena

É com muita alegria que apresentamos este Guia de Aprendizagem ao Ar Livre em Jundiaí, elaborado pela equipe do programa Criança e Natureza em parceria com a prefeitura de Jundiaí. Desemparedar a infância sempre foi um tema que aproximou a Secretaria de Educação e o Instituto Alana e, no contexto da pandemia, mais do que nunca, planejar e implantar formas efetivas de ação tornou-se uma necessidade enquanto medida sanitária de combate à transmissão da covid-19.

Com o fechamento das escolas em 2020, para controle da disseminação do vírus, pudemos acompanhar os esforços das redes de ensino em assegurar o direito de aprendizagem de crianças e adolescentes: aulas on-line, grupos de whatsapp, adaptação curricular, busca ativa às famílias e um enorme esforço das escolas e dos educa-

dores para responder à situação em curto prazo. Jundiaí expressou seu esforço adequando o [currículo da cidade](#), com aulas organizadas numa [plataforma](#) para que pudesse haver continuidade dos estudos de forma remota.

Diante do fechamento das escolas, estudantes, professores e famílias puderam perceber e valorizar o papel da educação no dia a dia das crianças. Embora tenham sido efetivadas ações para assegurar o acesso ao conhecimento, foi perceptível que a qualidade da educação também se faz pela relações entre pessoas, pela socialização e vínculo e pela ambiência do espaço escolar. A escola tem papel fundamental na composição da rede de proteção de crianças e adolescentes, e o desafio que se apresenta é planejar como será a retomada das aulas presenciais, quando houver con-

dições sanitárias seguras, além de aproveitar a oportunidade para questionar: mas, afinal, para qual escola queremos voltar?

Em agosto de 2020, com base em referências históricas e internacionais, o programa Criança e Natureza lançou um [documento de sugestões](#), com apoio de diversos parceiros, entre eles a União Nacional dos Dirigentes Municipais (Undime) e a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), para incluir **a aprendizagem ao ar livre nos protocolos de planejamento de reabertura das escolas e retomada de aulas presenciais**. O uso dos espaços ao ar livre se apresenta como uma forma de diminuir os riscos de transmissão do coronavírus e, ao mesmo tempo, colaborar na promoção de saúde e bem-estar dos educadores e estudantes.

A convite da Unidade Gestora de Educação do município de Jundiaí, o programa Criança e Natureza do Instituto Alana promoveu uma série de encontros para refletir sobre a viabilidade de incluir esta perspectiva na reabertura das escolas. Em um esforço conjunto da Equipe Técnica da Educação e do Grupo de Trabalho Criança na Cidade, foram elaborados estudos a partir de protótipos de três escolas, com perfis diferentes, que atendessem a alguns critérios: diferentes ofertas de espaços abertos dentro do prédio escolar; contemplar educação infantil e ensino fundamental; proximidade de equipamentos e áreas verdes no

entorno. Esta escolha teve como finalidade prototipar experiências que pudessem ser aproveitadas nas diferentes situações vivenciadas pelas escolas de Jundiaí.



Reunião on-line entre a Unidade de Gestão de Educação de Jundiaí e o programa Criança e Natureza, do Instituto Alana

Foi a partir deste trabalho conjunto que elaboramos o presente guia para as escolas da rede municipal de Jundiaí. Este material busca compartilhar a formação vivenciada e apoiar o trabalho de gestores, diretores e coordenadores no planejamento de uso dos espaços ao ar livre na reabertura das escolas, junto à sua comunidade escolar. O objetivo é também ampliar as possibilidades de práticas pedagógicas em conexão com a natureza e com os territórios das cidades, para a promoção de uma infância e adolescência mais saudável e de uma cidade mais amigável às crianças e a toda a população.

Antes de adentrarmos os conteúdos das oficinas e o roteiro de planejamento, é importante compreendermos como esta ação se articula, de um lado, com diretrizes pedagógicas e, de outro, com a garantia dos direitos fundamentais da criança.

Começando pela garantia de direitos, devemos ter em mente que um meio ambiente saudável é considerado um direito fundamental do ser humano. E o que é um direito fundamental?

A natureza como direito fundamental de crianças e adolescentes

Os direitos e garantias fundamentais, como o próprio nome já revela, são aqueles garantidos a todos os seres humanos enquanto sujeitos de direito. Trata-se, assim, de ga-



Está na natureza é um direito das crianças e adolescentes. Parque Mundo das Crianças, em Jundiaí, SP

antias formalizadas ao longo do tempo, inerentes aos indivíduos. E, em razão disso, costumam andar atrelados às concepções de **direitos humanos**. A Constituição Fede-

ral de 1988, desse modo, refletiu o que fora estabelecido na **Carta de Direitos Humanos de 1948**. E trouxe um rol de direitos e garantias considerados fundamentais para o nosso ordenamento jurídico. Os direitos fundamentais, portanto, decorrem de uma construção **histórica**.

Esta construção histórica foi determinada por múltiplos fatores, entre eles as guerras mundiais, a necessidade de reconhecimento do direito à vida - não só humana - e o entendimento da necessidade de cuidar do meio ambiente para garantir qualidade de vida no presente e no futuro. Já há muitos estudos que atestam que um meio ambiente de qualidade, com diversidade natural, protegido de todo tipo de poluição, beneficia a saúde humana e, por isso, a preservação desses ambientes depende de serviços ambientais prestados para toda população. **A ligação intrínseca entre meio ambiente, saúde e qualidade de vida torna o direito ao meio ambiente saudável um direito fundamental, que tem como característica ser irrenunciável, ou seja, não se pode abrir mão dele.**

Além de **irrenunciáveis** também são **inalienáveis** e **invioláveis**. Isto é, não podem ser vendidos, trocados, disponibilizados ou violados, sob o risco de punição do Estado. Além disso, são **imprescritíveis**, ou seja, podem ser exigidos a qualquer tempo. Do mesmo modo, são **universais**, uma vez que

aplicados indistintamente a todos os indivíduos. Por fim, cabe destacar que são **indivisíveis**: um conjunto de direitos em que, se um é violado, gera impacto na fruição das demais garantias. **Assim, por exemplo, uma violação ao direito ao meio ambiente sadio tem impactos negativos em uma infinidade de outros.**

No Brasil, este direito é reconhecido pela Constituição Federal de 1988, que confere ao direito ao meio ambiente o status de direito fundamental, prevendo, em seu artigo 225, que *“todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.”*¹

O direito fundamental de todos ao meio ambiente ecologicamente equilibrado reconhece a íntima relação entre a preservação ambiental e a garantia da sobrevivência e da qualidade de vida de crianças e adolescentes: esta população, além de mais vulnerável às consequências da desprote-

¹ Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Art. 225. <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>. Acesso em 11 de fevereiro de 2021.



Foto: Rinaldo Martinucci

A natureza é essencial para o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes. Escola Ágora, em Cotia

ção ambiental no curto prazo, tem maior probabilidade de enfrentar as consequências no longo prazo². Além disso, garante que crianças tenham acesso à natureza e a espaços ao ar livre de qualidade, para que possam se desenvolver de forma saudável e integral. Afinal, a privação do direito de se desenvolver em um ambiente saudável traz graves consequências às crianças e aos

² Terre des Hommes. **Protecting Environmental Child Rights**. 2013. Disponível em: http://www.terredeshommes.org/wp-content/uploads/2013/01/tdh_Environmental-Child-Rights_2012-11-final.pdf. Acesso em 25 de agosto de 2020.

adolescentes, que se acumularão ao longo da vida e, como muitas pesquisas atestam, já prejudicam a infância pelos seus efeitos deletérios em sua saúde integral como, por exemplo, o aumento da obesidade e do sobrepeso que acomete uma a cada três crianças brasileiras³.

Em relação à intersecção entre a garantia de direitos da criança e a qualidade do meio ambiente, o papel do poder público torna-se ainda mais importante. Não existe qualidade de vida sem qualidade ambiental, ambos aspectos andam juntos e justamente por isso é que um meio ambiente ecologicamente equilibrado é um direito humano fundamental.

Mas do que trata a garantia do cuidado com as crianças e adolescentes?

A Constituição Federal de 1988 determina que crianças e adolescentes **devem ter sua condição de desenvolvimento peculiar respeitada**, assegurando assim o seu melhor interesse e a **absoluta prioridade** de

³ Dados retirados da publicação: Obesidade em crianças e adolescentes. Uma responsabilidade compartilhada. Disponível no link: <https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2020/10/obesidade_crianças_adolescentes_.pdf> Acesso em: 5 de janeiro de 2020.

seus direitos fundamentais. É o que determina o artigo 227, que é paradigmático ao tratar crianças e adolescentes como sujeitos de direitos específicos, e reconhecer a necessidade de serem emvidados máximos esforços para a sua proteção.

A assertividade do termo **prioridade absoluta**, contido no aludido artigo 227, é única na ordem constitucional, o que obriga o Estado a assegurar todos os direitos de todas as crianças e adolescentes com absoluta prioridade. Isto significa que deve haver um esforço intersetorial do poder público na garantia de direitos e uma responsabilidade partilhada entre famílias, Estado e escolas no cuidado e proteção de crianças e adolescentes.

Justamente por isso, a Lei n.º 8.069/1990, o **Estatuto da Criança e do Adolescente** (ECA), inclui uma infinidade de previsões que buscam trazer efetividade à norma constitucional, para que infância e adolescência estejam, verdadeiramente, **em primeiro lugar, no âmbito de políticas, orçamento e serviços públicos**. Nacionalmente, entende-se que na medida em que



A cidade de Jundiaí efetiva os direitos das crianças, com uma escuta atenta. Reunião do Comitê das Crianças no Parque Mundo das Crianças, em Jundiaí, SP

o ECA garante uma série de direitos fundamentais, como à vida, à dignidade, à saúde e à segurança alimentar, demanda-se também uma proteção ao meio ambiente. Afinal, tais direitos estão conectados e, em verdade, dependem de um meio ambiente ecologicamente equilibrado.

De maneira mais específica, pode-se mencionar a Lei n.º 13.257/2016, que estabelece o **Marco Legal da Primeira Infância e reconhece, em seu artigo 5, a proteção ambiental como área prioritária para políticas públicas**⁴ e, com isso, explicita que

o meio ambiente equilibrado é essencial, desde o começo da vida. **Por isso, é preciso incentivar e gerar espaços nas escolas e em lugares públicos que proporcionem o bem-estar, o brincar, o contato com o meio ambiente e o exercício da criatividade das crianças, como traz o artigo 17 da mesma lei.** E isso deve ocorrer de maneira distribuída pela cidade, para que seja acessível a todas as crianças e para que o direito ao meio ambiente não seja, equivocadamente, reduzido à condição de privilégio.

Nesse sentido, vale lembrar que a Lei Orgânica do Município (LOM) de Jundiaí, em seu capítulo IV, que trata do meio ambiente, determina em seu artigo 160 que *“todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, que é um bem de uso comum e essencial à boa qualidade de vida, impondo-se à comunidade e, em especial, ao Poder Público Municipal, o **dever de defendê-lo e preservá-lo para o benefício das gerações presentes e futuras**”*.

⁴ Art. 5. Constituem **áreas prioritárias para as políticas públicas para a primeira infância** a saúde, a **alimentação** e a **nutrição**, a educação infantil, a convivência familiar e comunitária, a assistência social à família da criança, a cultura, **o brincar e o lazer, o espaço e o meio ambiente**, bem como a proteção contra toda forma de violência e de pressão consumista, a prevenção de acidentes e a adoção de medidas que evitem a exposição precoce à comunicação mercadológica.”



O espaço da praça Amadeu Decome, em São Paulo, SP, é utilizado por crianças para brincar

Além de determinar em seu artigo 162 que *“cabe ao Poder Público, através de seus órgãos de administração direta, indireta e fundacional: V - garantir a educação ambiental em todos os níveis de ensino e promover a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”* e, ainda, *no inciso XVII - incentivar a integração das universidades, faculdades, escolas, instituições de pesquisa e associações civis nos esforços para garantir e aprimorar o controle da poluição, inclusive no ambiente de trabalho*”. E, neste sentido, o artigo 196 da LOM, que trata da educação no município de Jundiaí, determina que: *“a Educa-*

ção, enquanto direito de todos, é um dever do Estado, da sociedade e da família, e deve ser baseada nos princípios da democracia, da liberdade, da solidariedade e do respeito aos direitos humanos, visando constituir-se em instrumento de desenvolvimento da capacidade de reflexão crítica do indivíduo e de seu preparo para o exercício pleno da cidadania e da vida social”.

Não há dúvidas: a qualidade ambiental em sentido amplo é um dos principais fatores que determinam a qualidade do desenvolvimento de crianças nos primeiros anos de vida. E vimos neste texto como a defesa e promoção de direitos da criança e do adolescente se relaciona diretamente com a garantia de um meio ambiente saudável. Assim, por meio dos artigos 225 e 227 da Constituição Federal, podemos compreender que, quando tratamos de “desemparedamento” da infância e da relação entre criança e natureza, o que está em jogo são os direitos fundamentais da primeira fase da vida humana, com consequências para o desenvolvimento integral das pessoas, assim como para a constituição de cidades mais verdes amigáveis às crianças.

Além disso, é importante que as propostas curriculares dos municípios, além de seguirem as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sejam entendidas como dinâmicas, atualizadas constan-

temente a partir de leituras históricas da realidade, e que o planejamento de ações intencionais partam e se relacionem com esta realidade, promovendo um estudo significativo. Deste modo, aliar o uso dos espaços ao ar livre e dos equipamentos públicos ao retorno às aulas se torna mais uma face do currículo para promover o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes e dar mais segurança aos estudantes e educadores no contexto da pandemia de covid-19. Significa dar mais um passo na construção de **uma cidade que, sendo boa para as crianças, será boa para todo mundo.**

Jundiaí vem se tornando uma referência na formulação de políticas voltadas para uma cidade mais amigável para as crianças, a exemplo da formação do Grupo de Trabalho Criança na Cidade e do [Plano Diretor](#) (Lei n.º 9321/2019) que inova com a inclusão de um capítulo (n.º X) sobre *Política da Criança na Cidade*, que tem como um de seus objetivos: “art. 182, *input III - criar condições para a ocupação da cidade pela criança, com segurança, acessibilidade e autonomia, possibilitando que desenvolva suas habilidades cognitivas, psicológicas, emocionais e sociais por meio do encontro com diferentes crianças e suas famílias no espaço público*”. Incluir os espaços ao ar livre a partir da concepção de **aprender com a - e na - natureza**, promoverá a rea-

lização efetiva de uma proposta de **educação integral**, contemplando o desenvolvimento das diferentes dimensões humanas e propiciando a formação de **territórios educativos** dentro e fora das escolas, com

a intenção de que tanto a escola como os diversos espaços públicos em Jundiaí formem um ecossistema educativo, compondo os pilares de uma cidade educadora e amigável à criança.



Foto: Rinaldo Martinucci

Todos os espaços da cidade e a natureza próxima podem ser utilizados pelas crianças. Carapicuíba, SP

A natureza a favor da saúde e da reabertura das escolas

Mesmo antes da pandemia e do início da quarentena provocada pela covid-19, as crianças já vinham sentindo certo tipo de confinamento físico e social. Com a maior parte da população brasileira morando em áreas urbanas, o modo de vida de muitas crianças tem se restringido a espaços fechados. De um lado, a diminuição da sensação de segurança em espaços públicos e a pouca quantidade e dificuldade de acesso às [áreas verdes das cidades](#) e, de outro, a concentração da rotina e vivência de atividades pelas crianças em espaços fechados. Tudo isso somado ao aumento do uso de tecnologias já configurava um quadro onde as crianças tinham poucas oportunidades para usufruir os espaços ao ar livre, com reflexos significativos em seu desenvolvimento integral e saudável.

Segundo [estudos e pesquisas](#), o resultado da privação da vivência da criança e do adolescente em espaços abertos e naturais



Foto: Rinaldo Martinucci

Os espaços ao ar livre são mais seguros para as crianças e adolescentes porque diminuem o risco de transmissão do coronavírus. Escola Ágora em Cotia, SP

provoca efeitos sobre sua saúde e desenvolvimento. Obesidade, sedentarismo, baixa motricidade - falta de equilíbrio, agilidade e habilidade física - e até miopia são alguns dos efeitos relacionados à restrição de circulação e movimentação em áreas ao ar livre na infância e adolescência.

Paralelamente, muitas pesquisas⁵ surgiram nos últimos anos mostrando que o convívio com a natureza na infância e na adolescência previne doenças crônicas como diabetes, asma, obesidade, entre outras. Favorece, ainda, o desenvolvimen-

⁵ Estudos e pesquisas realizadas por Louise Chawla, apresentados no artigo: Benefits of nature contact for children. Journal of Planning Literature. Sage Journals. 20/07/2015. 30(4): p. 433-452. Disponível no link: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0885412215595441>> Acesso em: 5 de janeiro de 2021.

to neuropsicomotor, além de proporcionar bem-estar mental, equilibrar os níveis de vitamina D e diminuir o número de visitas ao consultório médico.

O contato com a natureza ajuda também a fomentar a criatividade, a iniciativa, a autoconfiança, a capacidade de escolha, de tomar decisões e resolver problemas, o que por sua vez contribui para a melhora da coordenação psicomotora e o desenvolvimento de múltiplas linguagens. Sem falar nos benefícios associados ao desenvolvimento socioemocional, como a empatia, a aprendizagem de cuidados consigo, com o outro e com o ambiente, o senso de pertencimento e de interdependência.

O programa Criança e Natureza acredita que, para promover uma infância mais rica em natureza, é importante que existam ações organizadas pelos diferentes setores da sociedade. As famílias, as áreas de educação, saúde e assistência social, assim como

esportes, cultura, meio ambiente e urbanismo podem contribuir para maior aproximação da vivência com a natureza, promovendo um desenvolvimento mais saudável das crianças nas cidades.

Ou seja, mesmo antes da pandemia, já havia a necessidade de desemparedar a infância para promover a saúde integral de crianças e adolescentes. O surgimento da pandemia de covid-19 e a necessidade de isolamento social reforçaram a necessidade de movimentação dos corpos das crianças e de experiências ao ar livre. De modo geral, toda sociedade pôde perceber a falta que faz estar do lado de fora. Além disso, já está comprovado pelas [pesquisas médicas](#) que os espaços ao ar livre são os lugares mais seguros para estarmos neste momento, uma vez que diminuem o risco de transmissão de doenças.

Este guia irá apresentar, a seguir, como a natureza e os espaços ao ar livre podem favorecer o acolhimento de estudantes e educadores na volta às aulas e também a aprendizagem de conteúdos curriculares.

A natureza aliada ao processo de ensino-aprendizagem traz inúmeros benefícios para a saúde das crianças.
Escola Ágora, Cotia, SP



O acolhimento de educadores e estudantes



Foto: Joel Reichert

Crianças da rede municipal de Novo Hamburgo, RS, em aula ao ar livre propiciada por parceria com atores do território

Um aspecto importante no planejamento da retomada das aulas é a necessidade de um período de **acolhimento de todos os que chegam**. Estudos apontam o impacto emocional ou psíquico do confinamento e isolamento social nas crianças. Se efeitos como obesidade, transtornos de aprendizagem e miopia já eram mais conhecidos na **restrição de circulação ao ar livre a que as crianças estavam expostas**, somam-se a estes, agora, outros efeitos de saúde mental. A redução das atividades físicas, o aumento do uso de telas, a precariedade do atendimento às necessidades básicas de renda, segurança alimentar e acesso à água potável, bem como violências no ambiente doméstico são alguns dos fatores que favorecem o agravamento na saúde integral dos estudantes.

Especialistas acreditam que ansiedade e depressão são alguns dos sintomas que podem se estender ao longo do tempo como

resultado de estresse tóxico, conforme [estudo](#) com análise dos impactos do isolamento social e seus efeitos na saúde mental e no desenvolvimento infantil. O [artigo](#) de Beatriz Portinari traz alguns dos fatores que têm preocupado psiquiatras e psicólogos: *“os problemas de saúde mental têm a ver não só com o medo de um vírus invisível, mas também com o distanciamento social. Vários estudos preliminares apontam a relação entre longas quarentenas e maior angústia psicológica, que pode se manifestar como pesadelos, terrores noturnos, medo de sair de casa, de que seus pais voltem ao trabalho, irritabilidade, hipersensibilidade emocional, apatia, nervosismo, dificuldade de concentração e até um leve atraso no desenvolvimento cognitivo da criança.”* O artigo traz dados de estudos que apontam que traumas massivos, como em grandes desastres naturais, podem se revelar aos poucos e durar ao longo do tempo.

É preciso **planejar momentos para o cuidado com aspectos emocionais, físicos e sociais de quem retorna à escola**. Para além dos prejuízos cognitivos, deve-se prever o rearranjo curricular com a inclusão de uma proposta de educação atrelada ao cuidado. A **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)** destaca, dentre as competências gerais a serem desenvolvidas ao longo de toda a educação básica, aprendizagens essenciais sobre o cuidado.

CUIDADO CONSIGO, COM O OUTRO E COM MUNDO

Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas (BNCC).

A educação integral, premissa da BNCC, fundamenta a compreensão de um processo de ensino e aprendizagem que considere todas as dimensões humanas e a necessidade de rompimento com propostas fundamentadas em lógicas fragmentadas

e disciplinares do conhecimento, vinculando-se à vida e à realidade dos estudantes.

EDUCAÇÃO INTEGRAL NA BNCC

Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades.

Destacamos aqui que é preciso haver um equilíbrio no planejamento das aulas presenciais entre atividades que visem ao acolhimento emocional, ao cuidado com o corpo e ao desenvolvimento cognitivo. Assim, é importante pensarmos que cuidado e educa-

ção devem andar juntos e compreender que as medidas sanitárias devem ser associadas à qualidade das propostas pedagógicas.

Nesse cenário, a **natureza, as áreas livres e o território são importantes parceiros da educação escolar.**



É necessário enfatizar o acolhimento de toda comunidade escolar. Novo Hamburgo, RS

A aprendizagem ao ar livre



Salas de aula adaptadas para receber as crianças. Escola Ágora, Cotia, SP

“

E aí, eu comecei a pensar no dentro e fora da sala de aula. Deveriam ser interativos, sempre ir pra fora, ou ir para dentro, dependendo da atividade que você vai fazer, porque é assim o mundo. O mundo não tem porta. E as crianças precisam entender que elas estão em uma comunidade maior, que elas precisam respeitar essa comunidade maior.

”

Terezinha Fogaça, Diretora da Escola Ágora

A aprendizagem ao ar livre tem dois pilares importantes: aprender **com** a natureza, ou seja, que ela mesma seja o assunto ou

tema a ser abordado no lado de fora, como por exemplo aprender sobre a fisiologia de uma planta, fotossíntese e outros temas, muitos deles presentes nas ciências naturais; e outro pilar é aprender **na** natureza, ou seja, temas e assuntos de outros campos de conhecimento podem ser ensinados fora das salas de aula. A natureza, ou espaços ao ar livre, neste caso, seriam aproveitados como ambiência para proporcionar ar fresco e bem-estar para o estudo de conteúdos variados.

O **Desemparedamento da Infância** se sustenta nesta ideia de aprendizagem e também de que a criança aprende o tempo todo, em todo lugar. Neste sentido, não só a natureza provoca esta relação de aprender **com** e **em** certo ambiente, mas podemos compreender que a diversidade de ambientes pode compor os espaços educativos, como museus, jardins botânicos etc.

Entretanto, neste momento de pandemia, gostaríamos de frisar os **espaços ao ar livre**.

O aproveitamento de espaços ao ar livre para a realização de aulas durante período de surto de alguma doença já foi adotado em outros momentos históricos. Em 1904, durante o surto de tuberculose, houve próximo de Berlim a primeira experiência de [escolas ao ar livre](#) como medida de redução do risco de transmissão da doença. Essas práticas foram ampliadas depois da Segunda Guerra Mundial em alguns países da Europa como Inglaterra e França. Essa referência [voltou ao debate](#) na atual pandemia, uma vez que, assim como a transmissão da tuberculose, o contágio pelo coronavírus ocorre principalmente pelas vias aéreas e pelo contato com olhos e nariz. Assim, a medida de aulas ao ar livre evitava a concentração de pessoas em locais fechados para que não houvesse aumento na transmissão.

Alguns países têm levado em consideração a referência histórica das escolas ao ar livre para retomada das aulas, pensando, li-



Experiências de escolas ao ar livre na Holanda, em 1918



Crianças estudando em escola ao ar livre durante surto de tuberculose no início do século XX

teralmente, **fora da caixa**. Destacam-se [Es-cócia](#) e [Dinamarca](#), na Europa, onde estão sendo tomadas medidas, principalmente para as crianças menores, levando em consideração experiências de **aprendizado ao ar livre** como medida preventiva associada a outros cuidados sanitários, como lavagem constante das mãos e uso de máscaras. Também é argumento a maior facilidade em controlar o distanciamento social, fazendo trabalhos e lanches em pequenos grupos.

Outro movimento, desta vez nos Estados Unidos, também tem levantado essa discussão por meio de uma rede liderada pela [Green Schoolyards America](#). Medidas simples como uso de mesas e bancos para piqueniques, bancos feitos a partir de poda de árvores, pranchetas e quadro branco são formas de tornar viável o aprendizado ao ar livre. Apresentaremos a seguir algumas referências de salas de aula ao ar livre:



Aproveitamento do espaço escolar para aulas em escola nos EUA

Exemplos e referências de salas de aula temporárias ao ar livre e materiais utilizados



Sala de aula ao ar livre na Golestan School, Califórnia, EUA

Intervenções realizadas:

- uso de lona para fazer sombra
- deslocamento de carteiras para o lado de fora
- distanciamento social
- uso de máscaras



Utilização de materiais para adaptar salas de aulas ao ar livre. Califórnia, EUA

Intervenções realizadas:

- uso de lona para fazer sombra
- bancos de feno
- distanciamento social
- uso de máscaras
- uso de flip chart como lousa



Foto: The National Covid-19 Outdoor Learning Initiative

Sala de aula temporária na Golestan School, Califórnia, EUA

Intervenções realizadas:

- uso de lona para fazer sombra
- aproveitamento de podas de árvores e troncos como bancos e mesas
- uso de flip chart como lousa



Foto: Rinaldo Martinucci

Utilização de materiais naturais como auxiliares pedagógicos. Escola Ágora em Cotia, SP

Intervenções realizadas:

- mesas dispostas com distanciamento social
- uso de materiais naturais como recursos artísticos e pedagógicos



Aula de música ao ar livre na Escola Ágora em Cotia, SP

Intervenções realizadas:

- aproveitamento de um espaço amplo, com sombras de árvores, para aula de música que exige corpo e movimento



Crianças em sala de aula sem paredes na Escola Ágora em Cotia, SP

Intervenções realizadas:

- mesa coletiva com sinalização no banco para respeitar o distanciamento social



Foto: Rinaldo Martinucci

Intervenções realizadas:

- uso de árvores para fazer sombra
- aproveitamento de podas de árvores e troncos como bancos

Utilização da natureza como infraestrutura para as salas de aula. Escola Ágora, em Cotia, SP



Foto: The National Covid-19 Outdoor Learning Initiative

Sala de aula temporária composta por mesas coletivas ao ar livre





Sala de aula temporária em Itacaré, BA



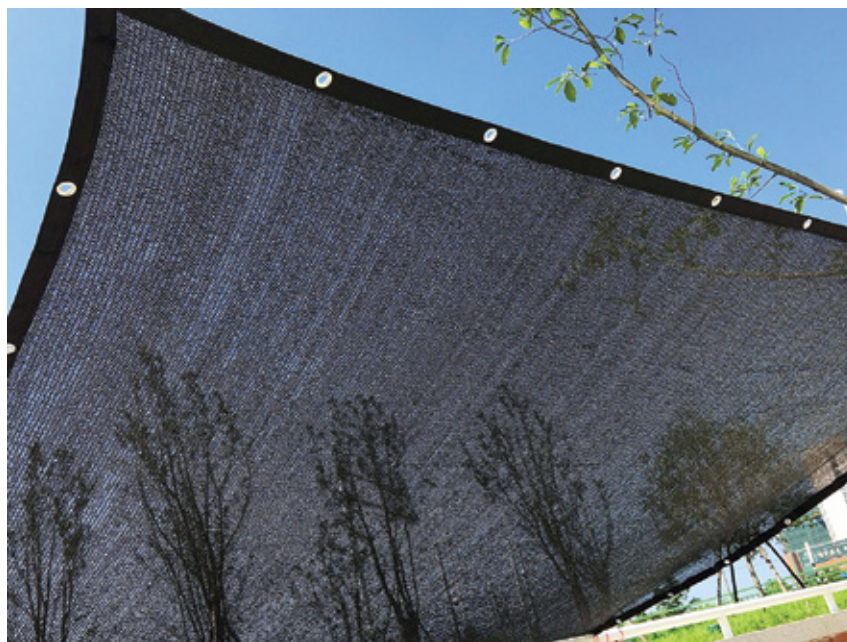
Mobiliário em praça de Jundiaí, SP, que pode ser usado como sala de aula temporária

Referências de materiais utilizados na composição de salas de aula temporárias ao ar livre

Bancos:



Para sombra:

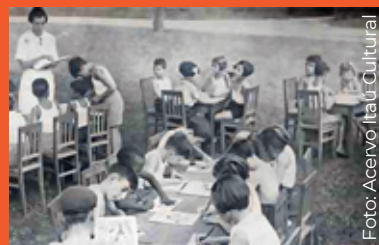


OS PARQUES INFANTIS



Entrada dos Parques Infantis idealizados por Mário de Andrade

Além das experiências internacionais, também temos como referência os Parques Infantis criados por Mário de Andrade, quando este atuou na prefeitura de São Paulo (1935-1938). Esses parques constituíram uma proposta de educação fora da escola, que apostava em uma infância livre para assegurar o desenvolvimento integral de meninos e meninas. Na prática, representou uma experiência de educação ao ar livre que contava até com atendimento à saúde nesses espaços.



Crianças brincavam livremente juntamente com estímulos artísticos ao ar livre

Como apontam as recomendações elaboradas pela [Undime](#) e o [Consed](#), a decisão da retomada das aulas presenciais deve ser planejada, em parceria, por comissões intersetoriais que reúnam diferentes órgãos e instituições de saúde e assistência social.

É fundamental a inserção e o diálogo com as áreas de urbanismo, meio ambiente e trânsito para viabilizar o uso de espaços ao ar livre para o acolhimento das crianças durante o retorno às aulas.

ESCOLA ÁGORA: UMA REFERÊNCIA DE USO DE ESPAÇOS AO LIVRE



Estrutura arquitetônica das salas de aula da Escola Ágora em Cotia, SP

Mesmo antes da pandemia, a Escola Ágora, da rede privada do município de Cotia - SP, já representava uma referência importante para o uso de espaços ao ar livre. Terezinha Fogaça, diretora da escola, participou da formação realizada em Jundiaí e descreveu assim as vantagens do uso dos espaços externos de sua escola:

“O espaço que nós temos dentro da sala de aula tradicional é um espaço dado e conhecido, é um espaço onde as regras estão bem postas, os alunos conhecem muito bem as regras, e a gente de alguma maneira empalidece, torna pálidos, os conteúdos que não estão lá fora tomando um sol, tomando um vento, próximos do mundo natural. Quando você vai ler uma história para

os seus alunos, diz ‘nós vamos lá pra fora e vamos achar um canto para ler uma história’. Você vivifica, você torna vívidos os movimentos, os sentidos dos seus alunos. Você reaviva a curiosidade, você faz um outro tipo de conexão entre professores e alunos. Isso já põe na cabeça do aluno uma minhoquinha do bem. Assim ‘opa, sobre o que será que é essa história?’. Quando você fala numa sala de aula ‘agora eu vou ler uma história’ parece que o repertório das histórias já é mais conhecido. A gente só tem a ganhar com esse trabalho extra sala de aula. Na natureza você pode praticar observação, comparação e categorização de uma maneira muito mais vívida, que tem tudo a ver com vida, real, significativa”

TERRITÓRIO E CURRÍCULO

Quando iniciamos um trabalho com iniciativas que tenham a intenção de desemparedar a infância e promover a aprendizagem ao livre, é comum encontrarmos barreiras, algumas comuns e outras específicas de cada território. Algumas barreiras são associadas à disponibilidade e qualidade dos espaços, outras são problemas sociais enfrentados, como a segurança pública e as desigualdades econômicas. Entretanto, as barreiras mais determinantes são de ordem cultural, se relacionam com o modo que costumamos exercer as prá-

ticas educativas e conceber o uso dos espaços. Para construirmos uma mudança desta natureza é preciso tempo e estudo de referências que ajudem a mudar nosso olhar sobre os espaços fora da sala de aula. Entre eles destacamos aqui concepções de **educação integral e territórios educativos**. O texto abaixo foi adaptado da publicação **Currículo e Educação Integral na Prática: Referências para Estados e Municípios** do Centro de Referências em Educação Integral, e busca oferecer alguns subsídios para começar esta mudança.

A FORMAÇÃO DE TERRITÓRIOS EDUCATIVOS

Os territórios educativos são constituídos por comunidades de aprendizagem, formadas por atores que estão dentro e fora da escola. O conceito de comunidade de aprendizagem engloba a ideia de um **diálogo intersetorial** em torno de um *“projeto educativo e cultural próprio para educar a si, suas crianças, seus jovens e adultos, graças a um esforço endógeno, coo-*

*perativo e solidário, baseado em um diagnóstico não apenas de suas carências mas, sobretudo, de suas forças para superar essas carências”*⁶. Significa *potencializar agentes educativos* enquanto instituições formadoras, incluindo na escola as práticas comunitárias, assim como *articular os saberes curriculares com espaços dentro e fora das escolas*.

⁶ TORRES, R. M. A educação em função do desenvolvimento local e da aprendizagem. In: Muitos lugares para aprender. São Paulo: CENPEC/Fundação Itaú Social/UNICEF, 2003. Citado por: FARIA, A. B. G. de. em O Pátio escolar como ter[ritó]rio [de passagem] entre a escola e a cidade. In: AZEVEDO, G. A. N.; RHEINGANTZ, P. A.; TÂNGARI, V. R. (Orgs). O lugar do pátio escolar no sistema de áreas livres: uso, forma e apropriação. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2011. p. 39.

SABERES DE UM TERRITÓRIO

Os saberes são os *modos de ser e fazer* de cada território e refletem a cultura de um local e o contexto no qual uma comunidade está inserida. São conhecimentos socialmente construídos e estão presentes em todos os territórios, ainda que não sejam percebidos como tal. Os *saberes locais* conduzem a um reconhecimento: perceber e conceber práticas da vida cotidiana, como hábitos, valores, memórias e histórias dos que residem no território.

Sob a perspectiva da Educação Integral, esses saberes operam como insumos, vivências e contextualização do

processo educativo empreendido por escolas e organizações sociais do território como museus, bibliotecas, entre outros equipamentos. Ao receberem intencionalidade educativa, os saberes locais contribuem para a construção de aprendizagens significativas e relevantes para crianças e adolescentes. Essas vivências, percepções e concepções “espontâneas”, ou seja, práticas e conhecimentos prévios com as quais chegam à escola, abrem um contexto significativo para as aprendizagens que ocorrem na escola, podendo ampliá-las, problematizá-las e valorizá-las.



O território é um aliado no processo de desenvolvimento integral das crianças. Carapicuíba, SP

COMPOSIÇÃO DE TERRITÓRIOS EDUCATIVOS

Um território é composto por agentes, espaços, dinâmicas e saberes de um lugar e torna-se educativo quando seus potenciais são identificados e passam a ser acionados por intencionalidades pedagógicas e relações com o currículo da escola.

1

AGENTES

Pessoas, coletivos ou instituições (públicas ou privadas) que atuam direta ou indiretamente em um local, modificando suas dinâmicas, gerando demandas ou realizando intervenções.

2

ESPAÇOS

Ambientes naturais (como praças e áreas verdes), instituições (dentro e fora de edificações) e os lugares (espaço físico dotado de significado, de identidade que atribui sentido e valor afetivo e social).

3

DINÂMICAS

Processos naturais e sociais que ocorrem no território: eventos climáticos, festas, rituais, enfim, processos que caracterizam formas de uso do território.

4

SABERES

Modos de ser e fazer de cada território, refletem a cultura de um local e o contexto no qual uma comunidade está inserida. São reconhecidos como componentes curriculares igualmente importantes aos conhecimentos científicos.



COMO PLANEJAR A VOLTA ÀS AULAS ALIADA À APRENDIZAGEM AO AR LIVRE

Esta parte é dedicada **a orientar o planejamento da reabertura das escolas incluindo os espaços ao ar livre**, seja dentro ou fora das escolas. Apresenta, também, sugestões de formação dos educadores e equipes técnicas das escolas, seguindo um percurso formativo similar ao vivenciado pela equipe da Unidade de Gestão de Educação, seguindo o que chamamos de *homologia de processo*. Antes de adentrarmos nesta parte, iremos fazer uma nota técnica sobre o Plano São Paulo do Governo do Estado.

Nota sobre o Plano de Reabertura das Escolas do Estado de SP

Um aspecto fundamental para o planejamento da reabertura das escolas é que ele deverá ter certa elasticidade e flexibilidade e



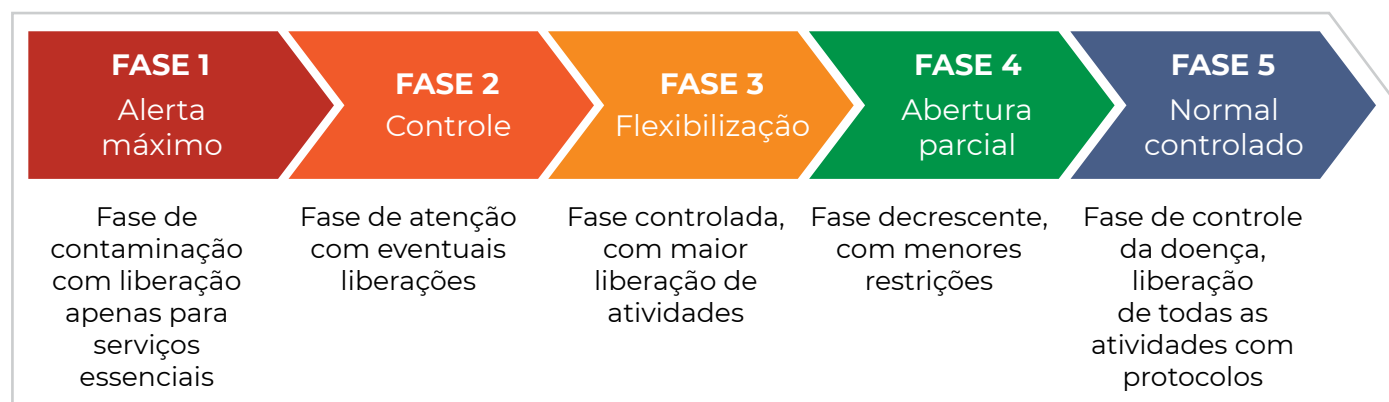
Criança lendo em banco rodeado de natureza na Escola Ágora em Cotia, SP

ser adaptado com relação à fase da pandemia em que seu município esteja. O [Plano São Paulo](#), do governo de estado, com base

em aspectos de saúde, como taxa de ocupação dos leitos de Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) e o número de infectados e óbitos, classifica diferentes fases para a

retomada das atividades econômicas em cada município. Estes critérios também são orientadores para a reabertura das escolas e retomada das aulas presenciais:

Critérios para reabertura das escolas



A recomendação no [Plano de Retorno às Aulas](#) e do [Protocolo Sanitário](#) estadual é dividido em três etapas, conforme a capacidade física da unidade escolar:



Espaçamento entre carteiras respeitando as medidas sanitárias na EMEB Antonino Messina em Jundiaí, SP

ETAPA 1

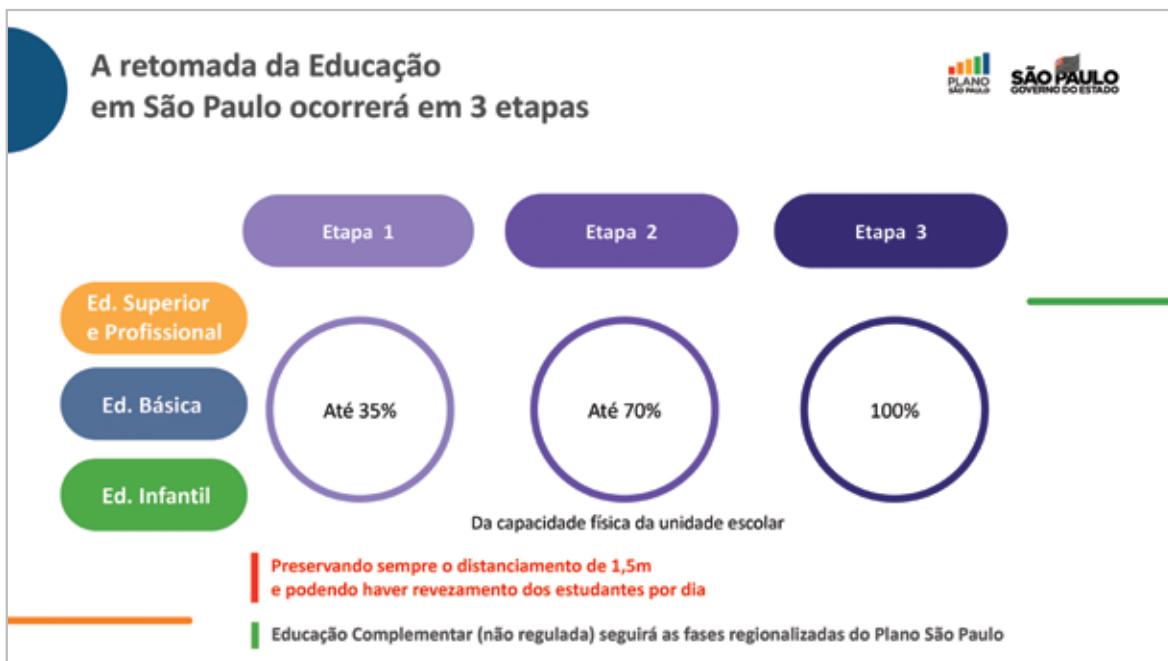
35% de estudantes em aulas presenciais

ETAPA 2

75% de estudantes em aulas presenciais

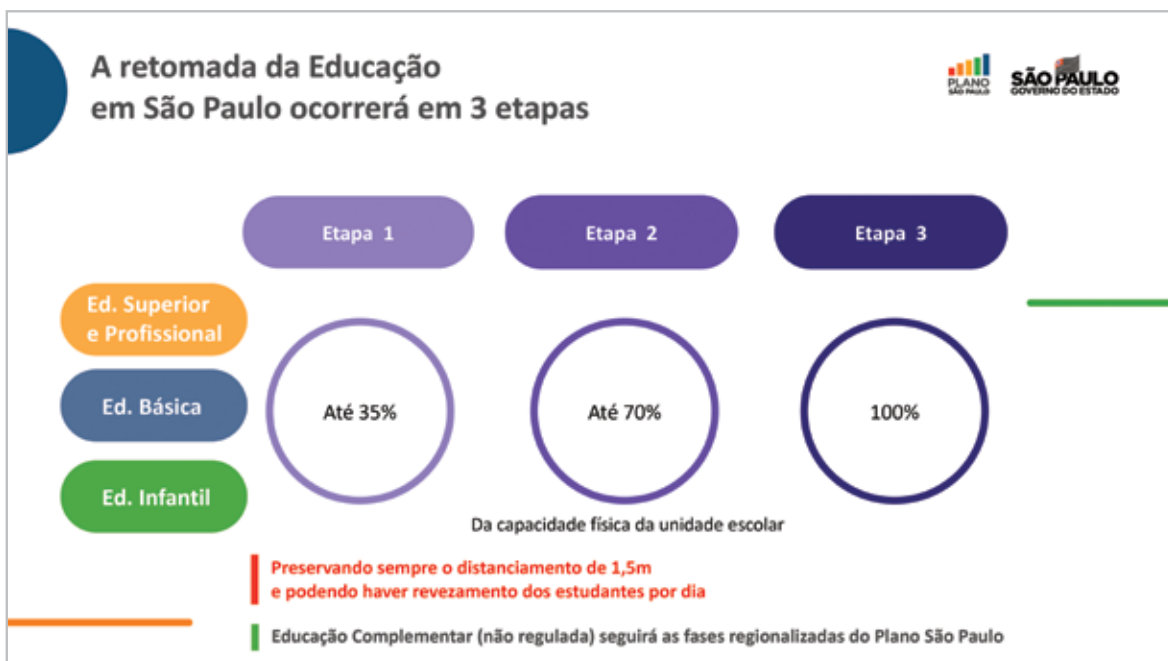
ETAPA 3

100% de estudantes em aulas presenciais



Retomada da educação no Estado de São Paulo instituído no Plano São Paulo 2020

Como medidas gerais no protocolo sanitário são orientadores:



Protocolos gerais de retomada das aulas presenciais no Estado de São Paulo, instituído no Plano São Paulo 2020



A partir das referências estaduais, Jundiá também lançou seu protocolo na [Edição 4085](#) da Imprensa Oficial (07/10/2019 - p. 27) que segue as diretrizes estaduais e, como medidas principais, o distanciamen-

to social, a higienização dos ambientes e o uso dos espaços ao ar livre. Neste guia destacamos os seguintes aspectos e complementaremos com sugestões para o ensino ao ar livre:

PROTOCOLO SANITÁRIO DE JUNDIAÍ

Distância segura - manter a distância mínima de 1,5 m de outras pessoas, com exceção dos profissionais que atuam diretamente com crianças de creche e pré-escola e ressalvadas as exceções em razão de serem da mesma família, ou para pessoas que dependam de acompanhamento ou cuidados especiais, tais como crianças de até 12 (doze) anos, idosos e pessoas com deficiência.

Ensino híbrido - adotar ensino não presencial combinado ao retorno gradual das atividades presenciais.

Plano de escalonamento - organizar um plano de escalonamento e revezamento dos alunos para frequência diária, respeitando a capacidade máxima de atendimento de acordo com o disposto no Plano de Retorno da Educação, publicado pelo Governo do Estado de São Paulo.

Entrada e saída dos alunos - realizar em turnos pré-estabelecidos para cada turma, evitando-se aglomerações e, preferencialmente, fora dos horários de pico do trans-

porte público. Caso haja filas, escalar funcionário para orientar os pais, responsáveis e alunos sobre a distância segura e organizar o fluxo para entrada e saída dos alunos.

Acesso de pais e/ou responsáveis - evitar que pais, responsáveis ou qualquer outra pessoa de fora entre na instituição de ensino. Recomenda-se que a mesma pessoa, exceto as de grupo de risco para covid-19, leve e busque a criança todos os dias. Todos devem estar fazendo uso de máscara.

Demarcação no piso - sempre que possível, demarcar os pisos nos locais onde há possibilidade de aglomeração de pessoas, garantindo o distanciamento mínimo entre elas de 1,5 m.

Atividades de educação física, de movimento, artes e correlatas (exceto artes marciais) - podem ser realizadas mediante cumprimento de 1,5 m de distância entre os participantes, preferencialmente ao ar livre.

Atividades em geral - sempre que possível, priorizar atividades ao ar livre.



Roteiro e percurso formativo para o planejamento do uso dos espaços ao ar livre



Foto: Joel Reichert

Crianças desenhando, pintando e aprendendo ao ar livre, com materiais simples em Novo Hamburgo, RS

“ *Inovar nos obriga a um novo olhar para as mesmas situações. (...) construções coletivas e muita escuta são a chave para inovação* ”

Felipe Cunha, Unidade de Gestão de Esportes

O conjunto de sugestões a seguir visa estruturar, no nível de cada unidade escolar, um planejamento do uso dos espaços ao ar livre para acolhimento das crianças e realização de aulas na reabertura das escolas. Este planejamento pode ser orientado pela direção e coordenação da escola, em parceria e com apoio da Unidade de Gestão de Educação. Se fizer sentido, ele pode ser feito de forma articulada entre unidades escolares, para uso comum de espaços no território, fora das edificações escolares. Além das unidades escolares e da equipe

técnica de gestão, não esqueçam que este planejamento estratégico, pode (e deve) envolver diversos atores da comunidade escolar e também aqueles que estão relacionados à infraestrutura urbana e de gestão da cidade como um todo. Os caminhos sugeridos a seguir são apenas ideias iniciais para orientar o planejamento, mas cada escola deve levar em consideração as dinâmicas particulares e específicas que necessitam ser respeitadas e fazer as adaptações necessárias ao planejamento.



Foto: Cristina Maranhão

Participantes do Curso de Mobilizadores promovido pelo programa Criança e Natureza em São Paulo, SP

Etapas do planejamento e sugestão de percurso formativo

Este roteiro está dividido em três etapas para nortear a construção do planejamento:

- Formação, sensibilização e ampliação de repertório
- Análise de espaços, atores e potencialidades para a construção do planejamento
- Avaliação contínua

Cada uma dessas três etapas contém partes com dimensões fundamentais que de-

vem ser consideradas, refletidas e consolidadas no processo de planejar o retorno às aulas utilizando as áreas verdes e ao ar livre dentro e/ou fora da escola.

Para orientar os gestores públicos, diretores escolares e qualquer outro ator responsável por construir esse planejamento, criamos um passo a passo que pode ser utilizado como referência nessa construção coletiva, mas que não necessariamente deve ser restrito a ele, podendo haver ampliação, assim como o surgimento de novas sugestões ou adaptações, conforme a realidade escolar onde será implementado.

O diagrama a seguir ilustra o percurso formativo desse planejamento:

ETAPA 1: Formação, sensibilização e ampliação de repertório	Apresentação de repertórios, experiências e casos bem-sucedidos pelo mundo
	Leitura crítica do documento Planejando a Reabertura das Escolas
ETAPA 2: Análise de espaços, atores e potencialidades para a construção do planejamento	Análise de potencialidades da instituição escolar e do território
	Identificação e análise de rotinas e da infraestrutura
	Solicitação de alterações no desenho urbano do entorno escolar
	Adaptação pedagógica e curricular
ETAPA 3: Avaliação contínua	Avaliação contínua

Objetivos desta etapa:

- Estudar os fundamentos teóricos que sustentam o planejamento estratégico de uso de espaços ao ar livre na reabertura das escolas
- Conhecer referências históricas e de outros países
- Construir um ambiente seguro de aprendizagem e de construção coletiva

PARTE A:**Apresentação de repertórios, experiências e casos bem-sucedidos pelo mundo**

A pandemia de covid-19 afeta igualmente todos os países do globo. Porém, as estratégias de redução dos riscos de contágio e, principalmente, de retorno às aulas foram diversas. Não havendo um padrão global de enfrentamento, países como a China e outros do



Matéria jornalística sobre a reabertura das escolas ao ar livre e em contato com a natureza na Escócia. The Guardian, 2020



Matéria jornalística sobre o retorno às aulas ao ar livre na Índia. BBC, 2020

sudeste asiático apostaram em modelos baseados em sistemas burocráticos, racionais e normativos, dando centralidade ao controle de acesso e a protocolos sanitários.

Com outras perspectivas, as estratégias adotadas em países como Holanda, Escócia e Índia incluíram a aprendizagem ao ar livre e em constante conexão com a natureza como método pedagógico para modificar o cenário de isolamento social e de redução das cadeias de contágio.

PASSO A PASSO

- a. Reúna-se com os professores e professoras e outros membros da organização escolar.
- b. Apresente o presente documento. Sugerimos projetar este material e conversar sobre a parte teórica e as diretrizes que antecedem a etapa de planejamento e verificar a existência de dúvidas. É importante construir um espaço seguro de aprendizagem onde todos se sintam à vontade para verificar suas dúvidas, incertezas e inseguranças.
- c. Separem-se em grupos e realizem uma breve pesquisa de como se deu o retorno às aulas em outros países. Pode ser em notícias, vídeos, artigos etc.

- d. Promova um debate sobre quais foram os métodos utilizados para o retorno às aulas por outros países, cidades etc. de acordo com a pesquisa realizada.
- e. Debata a importância da natureza para o bem-estar das crianças e adolescentes e como ela pode ser uma aliada no retorno escolar. A partir da troca coletiva de ideias, sistematize um texto sobre os benefícios e possibilidades de aproveitamento dos espaços ao ar livre na reabertura das escolas.

LEMBREM-SE

No site do programa Criança e Natureza existe um acervo com diversos materiais, ferramentas, notícias e eventos nacionais e internacionais disponíveis gratuitamente e organizados por categorias. Vale a pena conferir: <https://criancaenatureza.org.br/volta-as-aulas/>.



DICA

Uma proposta interessante de debate e reflexão pode ser em relação ao uso das telas, que já estava em ascensão e acentuou-se ainda mais com a situação de pandemia.

Como contrastar essa realidade? Retomar as histórias de vida e de infância individuais dos envolvidos na equipe escolar pode ser um caminho possível para sensibilizar sobre o uso das áreas livres, o contato com a natureza e o brincar na rua livremente, práticas que nos dias de hoje estão se perdendo, o que tem empurrado crianças e adolescentes para um uso mais frequente e sem restrições das telas.

Caso queira saber mais, assista ao seminário Ser Criança no Mundo Digital realizado pelo Instituto Alana.



PARTE B:

Leitura crítica do documento “Planejando a reabertura das escolas: a contribuição das pesquisas sobre os benefícios da natureza na educação escolar”

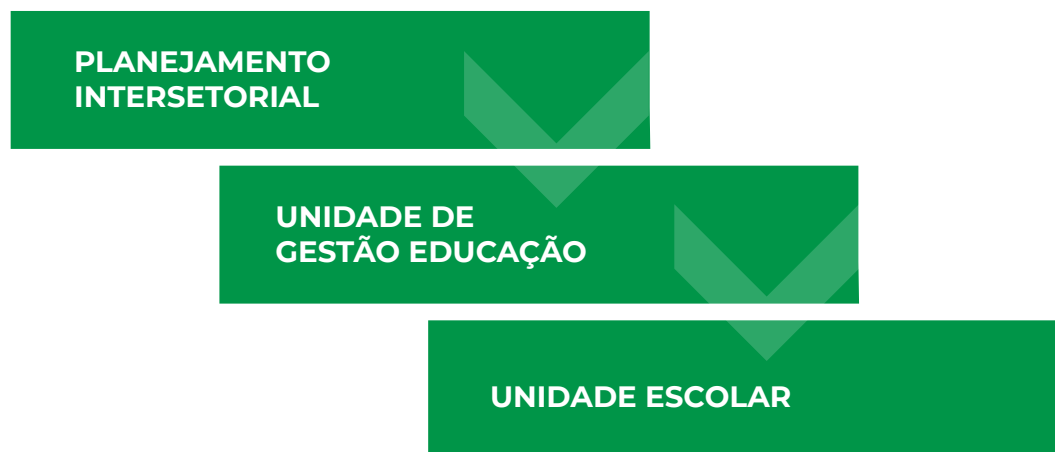
Em seu trabalho de advogar por cidades mais verdes e amigáveis para todas as crianças, o programa Criança e Natureza lançou o documento [“Planejando a reabertura das escolas: a contribuição das pesquisas sobre os benefícios da natureza na educação escolar”](#). Esse documento, que é complementar às recomendações oficiais dos órgãos responsáveis por saúde e educação, **destaca o papel que a intersectorialidade tem neste retorno às aulas**, ampliando o leque de alternativas em torno da defesa das crianças.

Seguem abaixo as sugestões práticas do documento.

- 1 __ Ampliar a intersectorialidade no planejamento, implementação e monitoramento do retorno escolar
- 2 __ Criar salas de aula temporárias
- 3 __ Aproveitar os pátios escolares e áreas ao ar livre da instituição escolar
- 4 __ Usar materiais simples e individuais para o ensino e a aprendizagem ao ar livre
- 5 __ Priorizar o espaço ao ar livre para receber e acolher as crianças
- 6 __ Apostar na autorregulação e colaboração dos estudantes
- 7 __ Criar espaços de comunicação eficiente com as famílias

Os tópicos elencados acima podem ser conferidos com mais profundidade com a leitura do documento na íntegra, disponível neste [link](#).

Além disso, é importante salientar que existem diversas **camadas de planejamento**, e este guia é voltado para a comunidade escolar que estará recebendo os estudantes. Mas é importante ter em mente que um bom planejamento não implica somente o setor de educação mas, sim, um **empenho intersetorial. *Implica uma visão do meio ambiente, do urbanismo e do planejamento da cidade, uma visão das áreas de transporte e de tráfego, assim como da assistência social e da saúde.*** Portanto, é preciso um planejamento mais macro, voltado à infraestrutura macro. No nível das escolas, cada diretor deve olhar para sua realidade, adaptando e criando o planejamento de acordo com seu contexto.



Os princípios apontados no documento de sugestões enfatizam que a aprendizagem ao ar livre e em contato com a **natureza é uma alternativa segura nos tempos de pandemia**. Assim, o planejamento do retorno escolar deve levar em consideração que o processo de ensino e aprendizagem deve ser **COM A** e **NA** natureza.

PASSO A PASSO

- a. Envie previamente para todos os professores e professoras e outros membros da comunidade escolar o documento “[Planejando a reabertura das escolas: a contribuição das pesquisas sobre os benefícios da natureza na educação escolar](#)”.
- b. Reúna-se com os professores e professoras e outros membros da organização escolar. Aqui, é importante que todos e todas tenham lido o documento previamente.
- c. Sistematize os destaques, impressões e novas sugestões que forem surgindo, buscando relacionar os itens sugeridos no documento à realidade e especificidade de sua escola.
- d. Faça perguntas norteadoras como:
 - Como vai ser construído esse planejamento? Quem deverá participar?
 - Quais seriam as dificuldades a ser enfrentadas ao levar as crianças para fora?
 - Como adequar o currículo e os conteúdos pedagógicos para que as aulas aconteçam nesses novos ambientes?
 - Quais os possíveis potenciais que a escola oferece neste sentido?
 - Quem são os atores que a escola pode articular para implementar essas intervenções?

LEMBREM-SE

A ideia aqui é fazer uma chuva de ideias e sugestões após o estudo deste documento, a pesquisa sobre exemplos bem-sucedidos e a leitura do documento “[Planejando a reabertura das escolas: a contribuição das pesquisas sobre os benefícios da natureza na educação escolar](#)”

Respeite todas as opiniões, aflições, incertezas que surgirem. São absolutamente normais esses receios e expectativas. Os gestores e diretores escolares devem encarar esses momentos de troca e discussão como, acima de tudo, de acolhimento e sensibilidade para conseguirem lidar com as diversas expectativas.



- e. Defina um **cronograma** de encontros para criação desse planejamento e outros instrumentos necessários (por exemplo, listas de presença, atas de reunião, fichas de sistematização etc.).

POR QUE É IMPORTANTE?

A leitura crítica deste documento objetiva nivelar o entendimento de que proporcionar vivências ao ar livre para crianças e adolescentes é garantir direitos fundamentais expressos na Constituição Federal de 1988, como vimos na primeira parte deste documento. **A natureza é promotora de saúde e precisamos olhar para ela como uma tecnologia inovadora que, aliada ao processo de ensino e aprendizagem, pode trazer inúmeros benefícios não apenas para os alunos, como também para os educadores e equipes escolares.**

Além disso, esta primeira etapa tem a finalidade de formar, alinhar e mobilizar a comunidade escolar em torno desse tema, visando um planejamento construído coletivamente. Preparem-se: daqui por diante é mão na massa!



Participantes do Curso de Mobilizadores promovido pelo programa Criança e Natureza em São Paulo, SP. Foto: Cristina Maranhão

EDUCAÇÃO PARA TODOS

O compromisso com o direito à educação quanto ao acesso, aprendizagem e permanência na escola conta com um projeto educativo inclusivo. Por educação inclusiva compreende-se aquela em que as singularidades de cada estudante são afirmadas e valorizadas. Ao mesmo tempo, a cultura escolar, incluindo o currículo, a infraestrutura e seus espaços, os tempos, os materiais e recursos e as interações devem ser foco de atenção ao eliminar barreiras que possam impedir o acesso, a participação e a aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e com altas habilidades/ superdotação. A Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, que no Brasil tem status de emenda constitucional, salienta a compreensão em torno da deficiência como um conjunto ou impedimento de natureza física, mental, intelectual e sensorial. E não um déficit, invalidez ou doença. A deficiência ocorre na interação entre pessoas com deficiência e as barreiras relativas às atitudes e ao ambiente.

Nesta perspectiva, a gestão da sala de aula e instrumentos como o planejamento criam oportunidades para que todos os estudantes usufruam das propostas educativas. Trata-se de planejamentos que oferecem materiais, ambientes, atividades e serviços concebidos, na maior medida possível, para toda a diversidade humana, sem necessidade de adaptação ou projeto específico. Tal compreensão não exclui apoio específico para pessoas com deficiência, quando necessário. Encoraje os professores a explorarem as múltiplas linguagens, recursos e tecnologias assistivas na construção do planejamento, levando em conta o que os estudantes já sabem e fazem e quais apoios precisam ser oferecidos. Importante destacar a fundamental colaboração de profissionais do Atendimento Educacional Especializado e das próprias famílias de estudantes com deficiência na busca de soluções que assegurem sua plena inclusão escolar. Esta escuta e diálogo podem aprimorar ainda mais os planejamentos.

Objetivos desta etapa:

- Oferecer novas condições de aprendizagem no retorno às escolas, priorizando a saúde e o bem-estar emocional das crianças
- Identificar áreas verdes e espaços ao ar livre, dentro e fora das escolas, que sejam uma alternativa para a permanência saudável dos alunos
- Reconhecer o potencial educativo dos espaços físicos, passando a incorporar os elementos do ambiente natural ao processo de aprendizagem
- Realizar adaptações das rotinas escolares, criar estratégias para escalonamento e uso dos espaços dentro e fora das escolas e articular com a estratégia de ensino híbrido



Muitos espaços são potencialmente educativos. Quadra poliesportiva na região de Carapicuíba, SP

PARTE A:

Análise das potencialidades da instituição escolar e do território



Crianças brincando com peteca em contato com a natureza em Carapicuíba, SP

“

Não se trata simplesmente de mudar a sala de aula de lugar, levando as crianças de espaços fechados para espaços abertos, com um cenário diferente. Trata-se de uma grande oportunidade de transformar esse cenário em parte do processo de aprendizagem, utilizando o potencial educador do território e todos os elementos que ele puder oferecer como instrumento de desenvolvimento das crianças.

”

Sylvia Angelini, Arquiteta e Urbanista - Unidade de Gestão de Planejamento Urbano e Meio Ambiente de Jundiaí



Tentar identificar as potencialidades existentes nos territórios é muito maior do que a mera visualização superficial dos espaços. Esse olhar deve ser sempre pautado na direção de fazer da natureza e dos espaços abertos aliados no processo de retorno às escolas. Como podemos direcionar nosso olhar dessa forma?

Em primeiro lugar, entender que esse processo deve oferecer novas condições de aprendizagem no retorno às escolas, priorizando a vida, a saúde, o bem-estar emocional, físico e cognitivo das crianças. Em seguida, a identificação das áreas verdes e espaços ao ar livre dentro e fora das escolas, que devem ser pensadas como uma alternativa para permanência saudável dos alunos. E, por último, reconhecer o potencial educativo dos espaços físicos, passando a incorporar elementos do ambiente natural no processo de aprendizagem.

Assim, o olhar tanto para dentro da instituição escolar quanto para fora dela, o entorno, o território, deve ter como filtro perguntas como: o que poderia ser diferente? Quais atividades poderiam acontecer? **É um convite à criatividade, à adaptabilidade e à ação. Vamos começar?**

MAPEAMENTO DE ESPAÇOS POTENCIAIS:

- I. Identificar áreas verdes e ao ar livre dentro das escolas
- II. Identificar áreas públicas ao ar livre no entorno das escolas
- III. Definir as condições para uso desses espaços, de forma multidisciplinar

SOBRE AS ÁREAS VERDES E AO AR LIVRE DENTRO DAS ESCOLAS

Olhar para a própria escola e encontrar espaços como jardins, hortas, pátios, parquinhos, quadras cobertas, quadras descobertas, enfim, todos os espaços onde há possibilidade de levar as crianças para fora, de criar salas de aula temporárias dentro da própria instituição escolar.

ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA

Espaços disponíveis que possam ser adaptados, reformados e/ou ressignificados no entorno das escolas, para ampliar as possibilidades de uso pelos estudantes, como sala de aula temporárias ou para estudos de campo. Prefira os lugares com sombra e próximos a alguma fonte de água para higienização das mãos.

TERRITÓRIOS NÃO EVIDENTES

Além de áreas verdes públicas evidentes, há ainda aquelas não evidentes. O que são esses **territórios não evidentes**? São áreas verdes que estão dentro de instituições como igrejas, clubes recreativos etc. É necessário o mapeamento desses terrenos e firmar parcerias entre a escola e as instituições às quais eles pertencem para uso de suas áreas verdes pelas crianças.

RELATÓRIO DE DEPENDÊNCIAS DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE JUNDIAÍ

Antes de começar, sugerimos entrar no “**Relatório de dependências das escolas municipais de Jundiaí**” e identificar sua escola. Verifique se os dados estão atualizados corretamente. É importante atualizar os dados de sua escola para facilitar o planejamento de políticas públicas que beneficiem a escola. Não esqueça que você pode solicitar auxílio da Unidade de Gestão de Educação e de outros setores, como o de urbanismo, que possuem profissionais com essas competências. Mas lembre-se que isto não impede que o planejamento dessa intervenção aconteça! Siga em frente.

PASSO A PASSO

- a. Reúna-se com a equipe escolar com o objetivo de identificar as áreas onde ocorrerão as intervenções dentro e fora da escola.
- b. Em grupo, identifique as áreas verdes e ao ar livre dentro da escola que possam ser usadas como “salas de aula temporárias”.
 - A identificação dessas áreas depende, em certa medida, da capacidade criativa de imaginar como poderiam ser tais espaços. Seja ousado. Mesmo um simples canteiro ou terrário tem potencial.
 - Utilize-se da própria experiência da equipe escolar para identificar esses espaços. Muitas vezes os espaços e áreas verdes da escola já são ocupados pelas crianças, sendo necessária apenas a revitalização e a readequação dos mesmos para criação de salas.
 - Se a equipe escolar entender que não há espaços verdes e ao ar livre que possam ser utilizados para criação das “salas de aula temporárias”, ou mesmo quiser ampliar a atuação da escola além de seus muros, prosiga para o próximo passo para identificar áreas verdes e naturais no entorno.
- c. Em grupo, identifique áreas verdes públicas no entorno escolar que possam ser utilizadas como “salas de aula temporárias” no retorno escolar. Isso pode acontecer de duas formas que são complementares entre si:



DICA

Neste momento é importante que vocês tenham em mãos um suporte para desenhar o uso desses espaços: cartolinas, mapas da cidade, imagens de satélite e papel craft para desenhos e elaboração de croquis de uso da área.

- A primeira é pela utilização da plataforma Geo Jundiaí. Acesse a plataforma pelo seguinte [link](#) e faça uma busca georreferenciada de sua escola. Analise as áreas verdes públicas no entorno escolar que sejam próximas para ir caminhando com as crianças. Se houver dúvidas sobre o funcionamento da plataforma, entrar em contato com o Grupo de Trabalho Criança na Cidade.
 - Use a própria consulta à equipe escolar para identificar as áreas verdes evidentes e os territórios não evidentes. Se possível, articule esses atores do território para compor parcerias estratégicas para a intervenção.
- d. Decida em coletivo quais serão as áreas escolhidas para a criação de salas de aula temporárias. Lembre-se que vocês devem eleger ações de curto, médio e longo prazo, a depender da intervenção a ser realizada.
- e. Perguntas que ajudam no planejamento e na identificação dessas áreas: quais áreas podem ser usadas? Onde estão localizadas? Será necessário articular-se com os atores do território? Será preciso fazer adaptações? Como são os caminhos para chegar lá? Há segurança na malha viária? Quais unidades de gestão podem colaborar para melhorar os espaços e os caminhos para chegar neles?

LEMBREM-SE

Sejam ousados, criativos e propositivos em relação à identificação das áreas verdes públicas. Sabe aquele terreno baldio, com mato alto, que virou ponto de descarte incorreto de lixo na rua ou próximo da escola? Ele pode ser restaurado e virar uma sala de aula temporária, revitalizando não apenas o processo de ensino e aprendizagem, como também a vida de toda a comunidade do entorno escolar.



DICAS

- Sistematize todas as ideias e decisões do grupo sobre as áreas no flip chart e em mapas.
- Organize as informações e apresente para toda a comunidade, famílias e estudantes.
- Se possível, conduza as atividades de planejamento em espaços ao ar livre, ou salas de aula temporárias para que os educadores possam passar por esta experiência e favorecer o surgimento de ideias para seu uso.
- Os encontros de planejamento devem respeitar os protocolos de segurança.



Foto: Cristina Maranhão

Participantes do Curso de Mobilizadores promovido pelo programa Criança e Natureza em São Paulo, SP



PARTE B:

Identificação e análise de rotinas e da infraestrutura

Neste momento do planejamento, será necessário o mapeamento da rotina escolar e da infraestrutura da escola. Este é um passo importante que deve ocorrer de forma colaborativa.



Foto: Rinaldo Martinucci

O espaço entre carteiras foi adaptado na Escola Ágora em Cotia, SP



Nesta etapa é necessário fazer um levantamento minucioso de como é a rotina escolar:

- Por onde os alunos entram?
- Quantas turmas?
- Quantos alunos por turma?
- Quantos alunos a infraestrutura escolar suporta?
- Quais são os horários das aulas?
- Quais são as idades dos alunos?
- Onde são realizadas as refeições?
- Quais os horários de entrada e saída dos alunos e da equipe escolar?
- Quais espaços ao ar livre e áreas verdes disponíveis?

Esse levantamento é importante para que todos os participantes do planejamento estejam alinhados.

Depois desse diagnóstico, o próximo passo é ser propositivo. O que pode mudar? Quais são as adaptações no espaço da escola que a própria equipe escolar pode realizar para receber as crianças e adolescentes? Isso implica olhar com criticidade e criatividade para a rotina escolar, buscando alterações que sejam viáveis e que respeitem os protocolos e diretrizes sanitárias recomendadas pelos órgãos oficiais de saúde e educação.

Perguntas para o diagnóstico:

- Quais são as etapas da educação básica que a escola oferece? Educação infantil? Ensino fundamental? Ensino médio? EJA?
- Quantos alunos estão matriculados na escola?
- Quantos alunos por turma?

- Quais são os períodos de aula ofertados na escola? Matutino, vespertino, integral ou noturno?
- Quantos servidores compõem a equipe escolar? Quais são seus horários de trabalho?

Com esse levantamento, é possível propor uma nova rotina escolar:

- Haverá escalonamento de horários e funções da equipe?
- Haverá outros tipos de escalas para o atendimento aos alunos? E às famílias?
- Quais serão os tamanhos das turmas por sala de aula temporária?
- Haverá ensino híbrido?
- Quais espaços podem ter suas funções típicas alteradas?

Não há uma diretriz rígida a ser seguida nessa etapa. Isso se dá por conta de cada escola ter sua ambientação e suas especificidades. Quanto mais diverso e maior o número de pessoas envolvidas nesse processo, maior será o leque de alternativas que surgirão.

PASSO A PASSO

- a. Reúna-se com a equipe escolar com o propósito de analisar a rotina de funcionamento da escola.
- b. Faça um **levantamento diagnóstico** de como era a rotina “normal” da escola, antes do período de pandemia. Quais eram as funções de cada um e de cada espaço. Não se esqueça de integrar essa parte com os dados relativos ao número de alunos, de alunos por turma etc.
- c. Considerando a situação de pandemia e a proposta de um retorno às aulas integrado com as áreas verdes e ao ar livre, apresente **SU-**

gestões de adaptação da rotina escolar. Por exemplo, diminuir o número de alunos por turma, criar um esquema de escalonamento, distribuir os estudantes entre os espaços internos e externos da escola, diretrizes para o ensino híbrido considerando as atividades remotas e as presenciais.

- d. Relacione os materiais pedagógicos e sanitários (como álcool gel 70% e máscaras reserva) que irão levar.
- e. Relacione o material individual que cada estudante deve levar (boné, protetor, toalha de rosto, garrafa de água, lanche etc.)
- f. Dimensione a quantidade de adultos por aluno necessários para acompanhar as saídas externas e defina procedimentos claros para as saídas aos espaços fora da escola.
- g. Sistematize esses achados em um documento que indique como a situação era antes e como deverá ser na nova rotina, definindo quais serão os recursos humanos e adaptações necessárias para que essas alterações sejam efetivadas.



DICAS

- Tabelas, quadros e esquemas poderão ser usados para facilitar a visualização deste planejamento etc.
- Lembre-se que a parceria família-escola pode ser fortalecida, incluindo os pais que tiverem disponibilidade para acompanhar as saídas para atividades fora da escola.

PARTE C:

Solicitação de alterações no desenho urbano do entorno escolar

O exercício que propomos para este momento é pensar a comunidade onde está inserida sua escola, no território como potencial educativo e nas dinâmicas da cidade. **O que poderia mudar em relação ao planejamento urbano do entorno escolar para que a ida de crianças e adolescentes, juntamente com a equipe escolar, para áreas verdes e ao ar livre ocorresse de forma efetiva e segura?**

A intersetorialidade nada mais é do que a integração de ações e esforços de diferentes setores com o objetivo de realizar uma determinada intervenção. Nesta etapa do planejamento, é importante olhar para o território e pensar nas questões que ultrapassam os limites da Unidade Gestora de Educação. Quem é a instituição responsável pelo controle de tráfego? Qual é a unidade de gestão responsável pela conservação e revitalização das áreas verdes que estão degradadas? Qual a unidade de gestão responsável pelo atendimento social e de saúde das crianças e famílias?



Construção de parquinho naturalizado em Fortaleza, CE

PASSO A PASSO

- a. Reúna-se com a equipe escolar com objetivo de planejar dinâmicas territoriais além dos muros da escola.
- b. Sistematize as sugestões de alteração no desenho urbano do entorno escolar.
- c. Encaminhe à Unidade de Gestão de Educação e ao GT Criança e Cidade.



DICA

O Grupo de Trabalho Criança na Cidade está disponível para auxiliar as escolas nessa busca ativa de áreas verdes públicas e realizar os procedimentos necessários para consolidar o planejamento.

Durante a oficina, Felipe Cunha, representante da área neste GT, chamou atenção para o uso das próprias vias de maneira complementar às áreas verdes e outros espaços públicos:

“ Os espaços públicos mais próximos das escolas são as calçadas, e as próprias vias. Podemos olhar para as calçadas e as vias como uma oportunidade de aproximar a natureza. (...) [Em uma experiência realizada] em parceria com o GT Criança na Cidade, foi ampliado o espaço da faixa de pedestre. Essa ampliação foi feita com colocação de vasos de plantas, pinturas do solo, plantio de árvores na rua, e aí virou uma minipraça na frente da escola. Então também é importante considerar o espaço da rua e da calçada como uma possibilidade de ampliar esse olhar e ter essa recepção. ”

Felipe Cunha, Unidade de Gestão de Esportes



PARTE D:

Adaptação pedagógica e curricular



Eu acho que é um percurso que muda muito um paradigma. (...) E para o professor, historicamente, a aula tá dada no formato de sala de aula, de carteira, de lousa, então é uma mudança de paradigma que inclusive mexe com as nossas histórias de vida.



Cleane Santos, Supervisora em Unidade de Gestão de Educação de Jundiaí

Uma etapa fundamental do planejamento a ser construído é sobre as adaptações pedagógicas e curriculares que necessitam ser realizadas para que a aprendizagem ao ar livre contemple todos os aspectos existentes na concepção de educação integral. Nesta parte do planejamento, é necessária uma análise minuciosa sobre a relação com a natureza inserida na BNCC e no Currículo Jundiaiense. Existem diversas habilidades e campos de interações nessas bases curriculares que estão diretamente ligados à natureza.

A observação, a contemplação, o estudo direto da natureza é um dos pilares de todo o ciclo de aprendizagem da educação básica. Mas, além disso, como vimos, o lado de fora pode ser ambiente para estudo de diversas áreas do conhecimento, e essa troca de cenário pode impulsionar diversos conteúdos que são ministrados em salas de aula.

Por isso, devemos entender que este processo de levar as crianças para fora traz em si a necessidade de quebrar paradigmas enraizados no comportamento, principalmente em relação à concepção de que o ato de ensino-aprendizagem deva ocorrer apenas dentro de uma sala



de aula, com uma carteira e uma lousa. Neste momento, é preciso ser criativo para que as atividades de aprendizagem sejam efetivas, e entender que **a natureza não promove dispersão, mas sim benefícios para a integralidade da criança.**



Educar é conduzir. Então a gente precisa se inspirar nas artes, nos bons exemplos, e ser ousado. A gente pode muito bem ser ousada, usar elementos naturais para fazer colagem, o trabalho de geometria, o trabalho da própria aritmética, contagem etc. Eu tenho certeza que se vocês forem por esse caminho, se vocês surpreenderem seus alunos, convidarem seus alunos a saírem da sala de aula e olharem lá pra fora, vocês vão conseguir ter muitas boas surpresas.



Terezinha Fogaça, Diretora da Escola Ágora

A adaptação do currículo escolar demandará criatividade: como olhar para a própria proposta pedagógica e identificar quais seriam as diversas possibilidades de aplicar o mesmo conteúdo em um cenário verde, vivo e ao ar livre?

PASSO A PASSO

- a. Reúna-se com os professores com o propósito de pensar adequações nos currículos escolares.
- b. Apresente a proposta de desemparedar as crianças e adolescentes, por meio de materiais audiovisuais, textos e outros materiais de apoio.



- c. Solicite que cada professor relacione ao menos três possibilidades de conteúdos pedagógicos que possam ser ministrados do lado de fora. E três conteúdos pedagógicos que eles considerem inviáveis para trabalhar fora da sala de aula.
- d. Sistematize todas as sugestões e opiniões e faça uma reflexão em grupo sobre cada tópico elencado, buscando encontrar potencialidades e novas perspectivas.
- e. A partir da troca, solicite aos educadores que sistematizem planos de aula com pelo menos 3 atividades ao ar livre e em contato com a natureza.
- f. Junte todas as contribuições e sistematize um documento geral para orientação dos educadores e famílias.



Recepção de crianças em escola da rede municipal de Novo Hamburgo, RS

LEMBREM-SE

Para cada etapa da educação básica há diretrizes específicas que devem ser respeitadas e implementadas. Assim, na educação infantil, o trabalho de integrar o desenvolvimento dos objetivos de aprendizagem e campos de interação às áreas livres e à natureza vai demandar um esforço distinto da etapa do ensino fundamental, que está dividido por áreas de conhecimento.

LEMBREM-SE

Essa troca dinâmica é um momento de acolhimento acima de tudo. Um convite para pensar conjuntamente. Respeite as opiniões e os momentos de fala de cada professor e acolha as angústias e incertezas que surgirem. Não se esqueça que as palavras de ordem são ousadia e criatividade, para que a natureza e os espaços abertos se tornem aliados no processo de retorno às escolas.



AVALIAÇÃO CONTÍNUA E MONITORAMENTO DAS ATIVIDADES

O processo avaliativo é parte fundamental no âmbito das políticas públicas e seu uso torna-se cada vez mais necessário. Transformar tais instrumentos, às vezes inusitados no sistema de ensino, em aliados, pode trazer contribuições fundamentais para estabelecer e dar continuidade a essas intervenções. Durante o planejamento, os gestores e diretores de escolas responsáveis pelas equipes escolares devem criar meios para a coleta de informações que possam ser analisadas criteriosamente. Alguns desses instrumentos são relatórios com periodicidade determinada, planilhas de controle de frequência, sistematização dos problemas cotidianos e de aprendizados bem-sucedidos, identificação de problemas com as famílias, escuta atenta e substancial da percepção das crianças etc.

Ao **fazer da natureza e dos espaços abertos aliados no processo de retorno saudável às escolas**, alguns caminhos podem ser percorridos para criar esse processo de geração de dados, levando em conta, aqui, o papel da intersetorialidade.



Fitas adesivas demarcando os espaços na Escola Ágora em Cotia, SP, respeitando as diretrizes sanitárias de distanciamento

- **Monitorar atentamente e contabilizar os casos confirmados e suspeitos de contágio pela covid-19.**

É muito importante criar mecanismos que possam ajudar a identificar os casos confirmados e suspeitos. Isso pode ser realizado através de aferição periódica da temperatura, ou de canais de comunicação com o núcleo familiar, para que esses casos de contágio, direta ou indiretamente, sejam o mais breve possível noticiados à comunidade escolar. Coletar esses dados é importante para a criação de alternativas e mudanças de percurso do que foi planejado.

Esse monitoramento e a coleta de dados são eficientemente realizados pelos órgãos de saúde, responsáveis pela contagem dos aglomerados populacionais do município. Porém, coletar esse tipo de informação pode dar subsídio ao nosso objetivo, demonstrando através de evidências os efeitos e impactos na saúde das crianças que aprendem com a - e na - natureza.

LEMBREM-SE

Nos casos de identificação de crianças ou familiares próximos que estejam contaminados ou que corram risco de contágio, devem ser tomadas as medidas e restrições embasadas nas diretrizes e protocolos de segurança estabelecidas pelo município.

- **Acompanhar os benefícios e as dificuldades que se apresentam no processo de aprendizagem ao ar livre.**

Como já destacado neste documento, levar as crianças “para fora” é uma quebra de paradigma em relação ao processo de ensino-aprendizagem. Mensurar esse aprendizado é um desafio para o qual não há uma “receita de bolo” a ser seguida e, portanto, é importante o desenvolvimento dessa habilidade pelo corpo docente. O registro

e o acompanhamento da apreensão dos conteúdos, identificando quais os problemas de cada aluno, de forma multidimensional, e quais os problemas coletivos da turma, podem facilitar a tomada de decisão de cada professor em relação ao conteúdo ministrado.

Esta mensuração pode ser feita por meio de relatórios qualitativos, realizados periodicamente, tanto por cada professor como em grupos, reuniões e conversas. Pode ser também realizada por meio de relatórios quantitativos como frequência dos alunos, participação em aulas, notas e conceitos, mesmo que tal método não represente a totalidade dos problemas enfrentados.

Vale ressaltar que o diagnóstico dos problemas é muito importante para subsidiar o processo decisório, mas é importante também identificar e sistematizar os benefícios que a aprendizagem ao ar livre traz para as crianças e adolescentes.



Foto: Rinaldo Martinucci

Crianças escavando a terra, criando um novo sentimento com o mundo natural na Escola Ágora em Cotia, SP

- **Coletar dados sobre a percepção das crianças**

As crianças e adolescentes têm muito a nos dizer. Precisamos, neste sentido, praticar nosso processo de escuta substancial das crianças. Podemos fazer isso aplicando questionários e pequenas entrevistas que devem ser registradas, analisadas posteriormente e levadas em consideração no processo decisório. Existem diversas formas de aplicação de métodos lúdicos que exploram diferentes linguagens, e que conseguem extrair essas informações. Utilize esse potencial de escuta das crianças e inclua como informação relevante para o desenho dessa intervenção.

Esses são apenas alguns exemplos de coleta de dados que, depois de analisados, viram indicadores essenciais não apenas para a gestão escolar, mas para todo o sistema educacional. Sabemos que a gestão de ambientes escolares traz consigo diversas complexidades, especificidades e desigualdades que atravessam a trajetória de toda a comunidade escolar. São essas dificuldades que precisam ser bem mapeadas pelos gestores através de evidências científicas.



Crianças brincando ao ar livre e em contato com a natureza na Escola Ágora, em Cotia, SP

PROTÓTIPOS E REFERÊNCIAS NO PLANEJAMENTO E USO DE ESPAÇOS AO AR LIVRE

Para facilitar a visualização do planejamento da sua escola, escolhemos junto à equipe técnica de Jundiaí três escolas em situações diferentes que pudessem servir como protótipo de estudos para intervenções nos espaços externos e internos, dentro e fora da sala de aula.

A partir de oficinas, debates e discussões, foram formuladas propostas de intervenção nos espaços seguindo o mesmo roteiro de planejamento apresentado acima.

1º ETAPA

FORMAÇÃO, SENSIBILIZAÇÃO E AMPLIAÇÃO DE REPERTÓRIO

- **Parte A:** apresentação de repertórios, experiências de vida e casos bem-sucedidos pelo mundo
- **Parte B:** leitura crítica do documento “Planejando a reabertura das escolas: a contribuição das pesquisas sobre os benefícios da natureza na educação escolar”

- **Parte A:** análise das potencialidades da instituição escolar e do território
- **Parte B:** identificação e análise de rotinas e da infraestrutura
- **Parte C:** solicitação de alterações no desenho urbano do entorno escolar
- **Parte D:** adaptação pedagógica e curricular

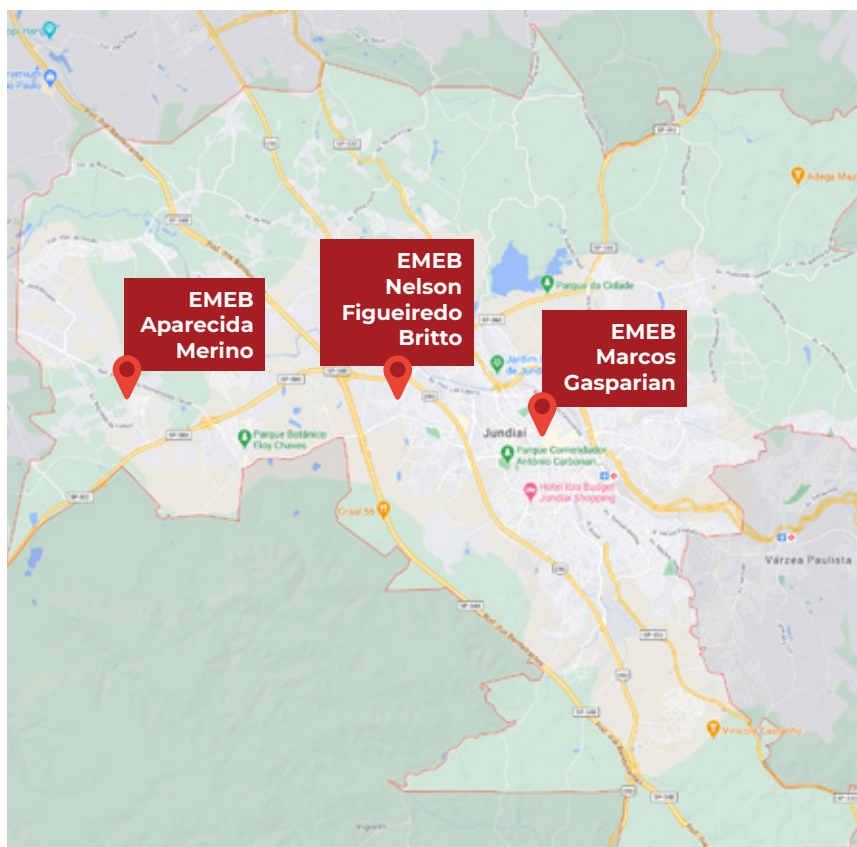
Protótipos

Cada uma dessas escolas foi escolhida pela Unidade de Gestão de Educação junto com o Grupo de Trabalho Criança na Cidade, levando em consideração aspectos como:

- tamanho e quantidade das áreas verdes dentro da escola
- se está localizada em regiões consideradas centrais, afastadas ou periféricas
- se os alunos são de ensino infantil e/ou fundamental

As escolas escolhidas foram:

- EMEB Aparecida Merino
- EMEB Marcos Gasparian
- EMEB Nelson Figueiredo Britto



Localização geográfica das três escolas analisadas. Foto: Google Maps. Captura de imagem em Janeiro de 2021

A intenção deste exercício foi criar cases que possam inspirar os diretores e gestores educacionais a produzirem seus próprios planejamentos, compreendendo as peculiaridades e especificidades existentes em toda comunidade escolar.

Assim, esses protótipos não são entendidos como uma receita de bolo a ser seguida por cada escola. Mesmo que, em alguns dos casos a seguir, existam detalhes com grande possibilidade de serem replicados, a intenção é de ampliar os repertórios para facilitar o exercício de planejamento.

Estudo de caso 1: EMEB Aparecida Merino Elias



Pátio e quadra poliesportiva da EMEB Aparecida Merino Elias em Jundiaí, SP

DIAGNÓSTICO

A Escola Municipal de Educação Básica Aparecida Merino Elias está situada no bairro de Medeiros e oferece aulas tanto de educação infantil quanto de ensino fundamental. Por ter um espaço escolar com abundância de áreas verdes - bosques, hortas, duas quadras - avaliou-se que a melhor intervenção ocorreria dentro da própria escola.

DADOS E PERFIL DA ESCOLA

- Total de alunos matriculados: 640
- Períodos: matutino, vespertino e integral
- Faixa etária atendida:
 - 4 e 5 anos (G4 e G5) - 9 turmas de cerca de 25 alunos cada
 - 6 a 10 anos (1º ao 5º ano) - 17 turmas de cerca de 30 alunos cada
 - Duas salas de período integral - 30 alunos em cada

LOCALIZAÇÃO



Localização geográfica da escola



Identificação de áreas verdes públicas no entorno escolar

MAPEAMENTO DOS ESPAÇOS POTENCIAIS

1. Estudo dos espaços ao ar livre dentro da escola



Bosque



Foto: Carla Bolognezi

Tenda na parte frontal da escola

Quadras (coberta e descoberta)



Foto: Carla Bolognezi

Horta escolar comunitária



Foto: Carla Bolognezi



PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Antes



Descrição das intervenções sugeridas:

- aproveitamento de estrutura existente
- mesas para uso flexível: lanches e atividades
- criação de ambiente para atividades em grupo com mesas coletivas
- respeito ao distanciamento social e uso de máscara

Depois



Antes



Descrição das intervenções sugeridas:

- aproveitamento de área sombreada
- uso de tocos de poda de árvores como bancos
- brinquedo de pirâmide de bambu
- tronco escalável
- uso de toalhas de piquenique para sentar
- materiais como flip chart e prancheta

Depois



Antes



Descrição das intervenções sugeridas:

- aproveitamento de área ensolarada
- estrutura de bambu e lona para fazer sombra
- uso de mesa
- uso de tocos de poda de árvores como bancos
- lousa e prancheta

Depois



Estudo de caso 2: EMEB Marcos Gasparian



Foto: Carla Bolognezi



Foto: Carla Bolognezi

Fachada da escola e praça localizada no entorno escolar

DIAGNÓSTICO

A Escola Municipal de Educação Básica Marcos Gasparian está localizada em uma região central e possui uma comunidade escolar bastante participativa. Costumam fazer muitas atividades fora da escola, contando, inclusive, com o acompanhamento da guarda civil municipal. Foi avaliado que tanto as áreas internas quanto a praça, que fica a 50 metros da escola, poderiam abrigar salas de aula temporárias, aumentando a capacidade de recebimento dos estudantes, o bem-estar e a segurança sanitária de todos.

DADOS E PERFIL DA ESCOLA

- Total de alunos matriculados: 392
- Períodos: matutino e vespertino
- Faixa etária atendida:
 - 6 a 10 anos (1º ao 5º ano)
 - 222 alunos no período matutino
 - 170 alunos no período vespertino

LOCALIZAÇÃO



Foto: Google Maps. Captura de imagem em janeiro de 2021

Localização geográfica da escola



Foto: Portal Geo Jundiaí. Captura de imagem em janeiro de 2021

Identificação de áreas verdes públicas no entorno escolar

MAPEAMENTO DOS ESPAÇOS POTENCIAIS

Existem alguns espaços ao ar livre dentro da escola que podem ser usados e é possível considerar a praça próxima à escola com potencial de uso.

1. Estudo dos espaços ao ar livre dentro da escola

Entrada e fachada da área externa da escola



Pátio



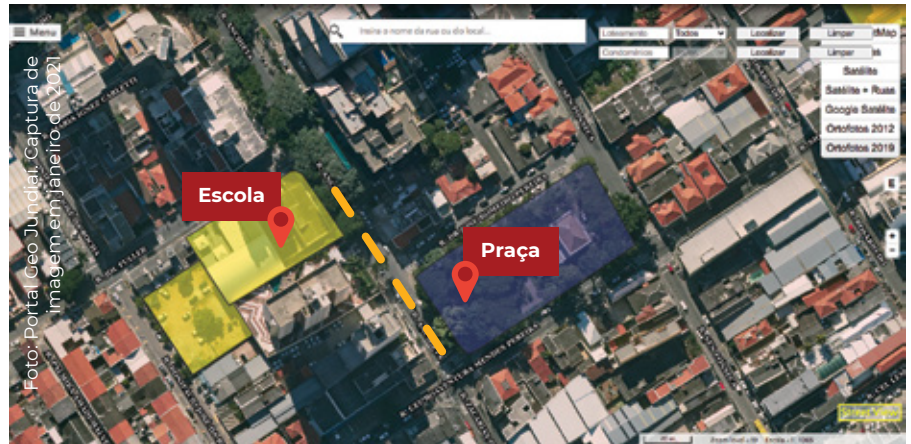
Quadra



Sombra embaixo da mangueira localizada no pátio

2. Estudo dos espaços ao ar livre fora da escola

Identificação de áreas verdes públicas no entorno escolar



Vista do trajeto da escola até a praça mais próxima

Praça na rua da escola que pode ser usada como sala de aula temporária



Praça na rua da escola que pode funcionar como sala de aula temporária

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Antes



Descrição das intervenções sugeridas:

- uso de carteiras da sala de aula (distanciamento de 1,5 m entre elas)
- flip chart
- uso de bambu para estudo de geometria

Depois



Antes



Descrição das intervenções sugeridas:

- uso de carteiras da sala de aula (distanciamento de 1,5 m entre elas)
- lousa
- parede de escalada
- canteiro de flores

Depois



Antes



Foto: Carla Bolognezzi

Descrição das intervenções sugeridas:

- uso de tocos feitos de poda como bancos
- uso de flip chart como lousa
- prancheta
- barreira física para proteção das crianças em relação à rua
- sinalização de redução de velocidade (30 km) no piso e em placas verticais indicando travessia de crianças

Depois



Foto: Carla Bolognezzi, Ilustração: Louise Freire



Estudo de caso 3: EMEB Nelson Álvaro Figueiredo Britto



Fachada e entrada da EMEB Prof. Nelson Álvaro Ferreira Brito

DIAGNÓSTICO

A Escola Municipal de Educação Básica Professor Nelson Álvaro Figueiredo Britto está localizada no bairro Jardim Guanabara. Apesar do pouco espaço da escola, existe uma comunidade escolar muito engajada, o que facilita a mobilização para que as intervenções possam se realizar. No caso específico desta escola, foram escolhidas duas intervenções que devem ser planejadas em prazos diferentes, decorrentes da demanda de articulação e investimento necessários para sua realização:

- curto prazo: espaço aberto interno
- médio prazo: área verde

DADOS E PERFIL DA ESCOLA

- Total de alunos matriculados: 104
- Faixa etária atendida:
 - 4 e 5 anos (G4 e G5)
 - Manhã: Grupo 4 - 24 alunos e Grupo 5 - 28 alunos / Total 52 alunos
 - Tarde: Grupo 4 - 24 alunos e Grupo 5 - 28 alunos / Total 52 alunos

LOCALIZAÇÃO



Identificação de áreas verdes públicas no entorno escolar

MAPEAMENTO DOS ESPAÇOS POTENCIAIS

1. Estudo dos espaços ao ar livre dentro da escola

Entrada da EMEB Nelson
Álvaro Figueiredo Britto



Parquinho localizado em área
ao ar livre dentro da escola



Foto: Carla Bolognezi

Refeitório



Foto: Carla Bolognezi

Corredor em área ao ar livre





Parquinho



Área ao ar livre
dentro da escola

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Antes



Descrição das intervenções sugeridas:

- uso de caixotes de feira como bancos para composição de aulas temporárias
- canteiros para horta
- uso das paredes para intervenção escrita ou de arte

Depois



Antes



Descrição das intervenções sugeridas:

- inserir vegetação em vasos ou canteiros para sombreamento ou horta
- pintura na parede com desenhos das crianças
- parede de escalada
- canteiro de areia
- uso de tocos e podas de árvores como bancos para composição de salas de aula temporárias

Depois



Antes



Descrição das intervenções sugeridas:

- inserir vegetação em vasos
- uso das paredes para intervenção escrita ou de arte
- lousa na parede
- caixotes como bancos para os alunos
- remoção das mesas de plástico

Depois



MAPEAMENTO DOS ESPAÇOS POTENCIAIS

1. Estudo dos espaços ao ar livre fora da escola

Vista do trajeto da escola até a área verde mais próxima do entorno



Analisando a malha viária para chegar lá:

Percebemos que o percurso a ser seguido pelas crianças para chegar à área verde mais próxima possui algumas inadequações, como:

- calçada muito estreita, com desníveis e falta de acessibilidade
- poluição visual, muros pichados e com propaganda
- falta de árvores e sombra no trajeto
- falta de mobiliário (lixeiras, bancos, floreiras)

- falta de elementos brincantes e desenhos no piso que possam tornar o percurso mais atrativo

Vista do trajeto da escola até a área verde mais próxima



PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Antes



Descrição das intervenções sugeridas:

- mobiliários lúdicos nas calçadas, como acompanhantes de percurso e desenhos
- banco ao longo do caminho para descanso
- plantio de árvores para sombreamento do trajeto

Depois



- grafite ou pintura nos muros do caminho na altura das crianças
- sinalização de redução de velocidade (30 km) no piso e em placas verticais indicando travessia de crianças
- colocação de balizadores ao lado da calçada, no trajeto, para alerta aos motoristas

Antes



Descrição das intervenções sugeridas:

- concepção do espaço a partir dos princípios de um parque naturalizado
- plantio de árvores ao longo da calçada para sombreamento
- bancos feitos com podas de árvores
- cerca de viva para delimitação do espaço e segurança

Depois



- pintura de faixa amarela para sinalização de atenção
- pergolado de bambu para sombreamento e acolhimento das crianças
- canteiro com plantas e estruturas para o brincar, como tanque de areia
- sinalização de redução de velocidade (30 km) em placas verticais indicando travessia de crianças

SERÁ QUE VOCÊS PENSARAM EM TUDO?

Vejam neste checklist se faltou algo importante de ser considerado

IDENTIFICAÇÃO DA ROTINA E ESPAÇOS POTENCIAIS:

- ❑ Quais espaços ao ar livre e áreas verdes têm estas escolas? E no entorno delas?
- ❑ Há equipamentos públicos (quadras, museus, etc.)?
- ❑ Quantos alunos são?
- ❑ Quais serão os tamanhos das turmas por espaço?
- ❑ Haverá escalonamento? Ensino híbrido?
- ❑ Quais materiais podem ajudar a aprendizagem ao ar livre (prancheta, flip chart etc.)?
- ❑ Como preparar os professores?



Foto: Rinaldo Martinucci

Criança em sala de aula sem paredes na Escola Ágora em Cotia, SP, fazendo higienização de sua mesa

ADAPTAÇÃO DO ESPAÇO E PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO

(bons lugares: acesso a áreas sombreadas, com água e próximo a banheiro)

- Como preparar os espaços e equipamentos públicos para receber as crianças?
- Quais equipamentos públicos poderão ser utilizados? Como será feita a utilização?
- Onde podemos ter salas de aula temporárias?
- Podemos ter material de poda para construção de salas temporárias? O que mais será preciso para adaptação deste espaço?

LEVANDO AS CRIANÇAS

- Quais serão as equipes e equipamentos envolvidos no trajeto entre a escola e a sala de aula temporária?
- Envolverá as famílias? Voluntários?
- Quais cuidados sanitários serão necessários?
- Como pode ser o deslocamento das crianças para estes espaços?
- Como poderá ser a alimentação?
- Como garantir a segurança das rotas no percurso?

CUIDADOS SANITÁRIOS (INDIVIDUAIS) E COMUNICAÇÃO COM AS FAMÍLIAS

- Como as famílias podem ajudar?
Quais cuidados sanitários podem ser adotados?
 - Água
 - Álcool em gel 70%
 - Máscara
 - Garrafa de água individual
 - Toalha individual



Filmes e vídeos

O Começo da Vida 2: Lá Fora (longa metragem)

<<https://ocomecodavida2.com.br/>>

Institucional do programa Criança e Natureza do Instituto Alana

<https://www.youtube.com/watch?v=_GeRQKzMm-CM&feature=emb_title&ab_channel=Alana>

Quando o risco vale a pena

<<https://criancaenatureza.org.br/acervo/quando-o-risco-vale-pena/>>

Verdejar o aprender

<<https://criancaenatureza.org.br/acervo/verdejando-o-aprender/>>

A natureza como espaço de acolhimento

<https://www.youtube.com/watch?v=fVdt7U_Vlso&feature=youtu.be>

Encontro de aprendizes na grande aventura de viver

<https://www.youtube.com/watch?v=YZF7Ca-VY_EM&feature=youtu.be>

Desemparedar as crianças na escola

<<https://www.youtube.com/watch?v=CB1q-g43k05A&feature=youtu.be>>

Grandtully Primary School

<<https://drive.google.com/file/d/1GnF6sWgrY-sa6R-UeTx7bZGdz-5lWuDi5/view?usp=sharing>>

Publicações e sites

Desemparedamento da infância a escola como lugar de encontro com a natureza

<https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Desemparedamento_infancia.pdf>

Planejando a reabertura das escolas: a contribuição das pesquisas sobre os benefícios da natureza na educação escolar

<<https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Planejando-a-reabertura-das-escolas.pdf>>

O papel da natureza no planejamento da reabertura das escolas

<<https://criancaenatureza.org.br/volta-as-aulas/>>

Guia para pequenos criadores de TiNis

<<http://www.tinis.com.br/wp-content/uploads/2020/11/GuiaCOLORIDO.pdf>>

Referências

1. BBC. 2020. O que fazer para evitar ser infectado pelo coronavírus em diferentes situações. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-52804775>> Acesso em: 7 de julho de 2020.
2. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. 1988. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>> Acesso em: 13 de janeiro de 2021.
3. BRASIL. Ministério da Educação. 2014. Plano Nacional de Educação. Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/>> Acesso em: 7 de julho de 2020.
4. BRASIL. Ministério da Educação. 2018. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>> Acesso em: 7 de julho de 2020.



5. BROMAGE, Erin. 2020. The Risks - Know Them - Avoid Them. Disponível em: <<https://www.erinbromage.com/post/the=-risks-know-them-avoid-them?fbclid=IwAR2cgSvINwYdFcAYckVEaQwN7IsC7rWr-LoCUYARGjg05nNv5DnPtWZ6oEbE>> Acesso em: 7 de julho de 2020.
6. BROOKS, Libby. Scotland eyes outdoor learning as model for reopening of schools. The Guardian. 10 de maio de 2020. Disponível no link: <<https://www.theguardian.com/uk-news/2020/may/10/scotland-eyes-outdoor-learning-as-model-for-reopening-of-schools>> Acesso em: 7 de julho de 2020.
7. CAMPOS, Carolina et al. 2020. Educação e Coronavírus. Reabertura das escolas Parte 2. Recomendações governamentais para o retorno às aulas. Disponível em: <<https://www.institutounibanco.org.br/wp-content/uploads/2020/06/Reabertura-das-escolas.pdf>> Acesso em: 5 de janeiro de 2021.
8. CHAWLA, Louise. Benefits of nature contact for children. Journal of Planning Literature. Sage Journals. 20/07/2015. 30(4): p. 433-452. Disponível no link: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0885412215595441>> Acesso em: 5 de janeiro de 2021.
9. CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE EDUCAÇÃO - CONSED. 2020. Diretrizes para protocolo de retorno às aulas presenciais. Disponível em: <<http://consed.org.br/media/download/5eea22f13ead0.pdf>> Acesso em: 7 de julho de 2020.
10. DADOS DO INDICADOR ÁREA VERDE POR HABITANTE. Rede Social Brasileira por Cidades Justas e Sustentáveis. 2020. Disponível em: <<https://www.redesocialdecidades.org.br/area-verde-por-habitante>>. Acesso em: 7 de julho de 2020.
11. EDUCATION OUTSIDE THE CLASSROOM. 2020. Disponível em: <<https://udeundervisning.dk/english.html>> Acesso em: 7 de julho de 2020.
12. ESCOLAS AO AR LIVRE CRIADAS PARA COMBATER A TUBERCULOSE NO INÍCIO DO SÉCULO 20. Hypheness. Disponível em: <<https://www.hypheness.com.br/2020/06/escolas-ao-ar-livre-criadas-para-combater-a-tuberculose-no-inicio-do-seculo-20/>> Acesso em: 7 de julho de 2020.
13. FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2020. Recomendações para o planejamento de retorno às atividades escolares presenciais no contexto da pandemia de covid-19 (versão atualizada em 17/12/2020). Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/contribuicoes_para_o_retorno_escolar_17122020.pdf> Acesso em: 5 de janeiro de 2021.
14. FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). 1989. Convenção sobre os direitos da criança. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>> Acesso em: 7 de julho de 2020.
15. GAGLIONI, Cesar. Quais os efeitos da pandemia no desenvolvimento infantil. Nexo Jornal,



2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/05/11/Quais-os-efeitos-da-pandemia-no-desenvolvimento-infantil?utm_medium=Email&utm_campaign=BoletimCoronavirus&utm_source=nexogeral> Acesso em: 7 de julho de 2020.
16. GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2020. Plano São Paulo. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/planosp/>> Acesso em: 5 de janeiro de 2021.
17. GREEN SCHOOLYARDS AMERICA. 2020. Outdoor infrastructure. Disponível no link: <<https://www.greenschoolyards.org/outdoor-infrastructure>> Acesso em: 5 de janeiro de 2020.
18. GREEN SCHOOLYARDS AMERICA. 2020. The National COVID-19 Outdoor Learning Initiative. Disponível em: <<https://www.greenschoolyards.org/covid-learn-outside>> Acesso em: 7 de julho de 2020.
19. INSTITUTO ALANA. 2019. Os benefícios de brincar ao ar livre. Disponível em: <<https://criancaenatureza.org.br/para-que-existimos-os-beneficios-de-brincar-ao-ar-livre/>>. Acesso em: 7 de julho de 2020.
20. INSTITUTO ALANA; INSTITUTO DESIDERATA. 2020. Obesidade em crianças e adolescentes. Uma responsabilidade compartilhada. Disponível no link: <https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2020/10/obesidade_crianças_adolescentes_.pdf> Acesso em: 5 de janeiro de 2020.
21. INSTITUTO ALANA. PROGRAMA CRIANÇA E NATUREZA. 2020. Como manter o contato com a natureza durante o isolamento social. Disponível no link: <<https://criancaenatureza.org.br/natureza-durante-covid-19/>> Acesso em: 26 de janeiro de 2020.
22. INSTITUTO ALANA; SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. 2019. Benefícios da natureza no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Disponível em: <https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2019/05/manual_orientacao_sbp_cen.pdf> Acesso em: 7 de julho de 2020.
23. INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL. 2020. Manual Técnico para Escolas Saudáveis. São Paulo: IAB. Disponível no link: <https://www.iabbsp.org.br/iab_apeosep_manual_escolas_saudaveis.pdf> Acesso em: 26 de janeiro de 2020.
24. JUNDIAÍ. 2020. Imprensa Oficial do Município de Jundiaí. Edição 4805. Disponível no link: <<https://imprensaoficial.jundiai.sp.gov.br/edicao-4805/>> Acesso em: 5 de janeiro de 2021.
25. NOGUEIRA, Pedro Ribeiro. 2015. Mário de Andrade: Parques infantis e o sonho antigo de uma infância livre. UOL. Disponível em: <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/11/30/mario-de-andrade-parques-infantis-e-o-sonho-antigo-de-uma-infancia-livre/>> Acesso em: 7 de julho de 2020.
26. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). 2018. Panorama das políticas de educação infantil no Brasil. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000261453>> Acesso em: 7 de julho de 2020.



27. PORTINARI, Beatriz. Os efeitos do confinamento na saúde mental de crianças e adolescentes. El País. 05/06/2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/mamas_papas/2020-06-06/os-efeitos-do-confinamento-na-saude-mental-de-criancas-e-adolescentes.html> Acesso em: 7 de julho de 2020.
28. PRIORIDADE ABSOLUTA. 2020. Disponível em: <<https://prioridadeabsoluta.org.br/>> Acesso em: 7 de julho de 2020.
29. SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. 2020. COVID-19 e a volta às aulas. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22516b-NA_-_COVID-19_e_a_Volta_as_Aulas.pdf> Acesso em: 7 de julho de 2020.
30. STRAUSS, Valerie. Why kids shouldn't be forced to sit at desks all day when schools reopen. The Washington Post, 11/05/2020. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/education/2020/05/11/why-kids-shouldnt-be-forced-sit-desks-all-day-when-schools-reopen/?fbclid=IwAR3oXOt2jdJ_FfXmWli-6DFkuvKVvdabTumPVQzXEf0L5mJClKwUT-TkBc0ss> Acesso em: 7 de julho de 2020.
31. TERRE DES HOMMES. Protecting Environmental Child Rights. 2013. Disponível em: <http://www.terredeshommes.org/wp-content/uploads/2013/01/tdh_Environmental-Child-Rights_2012-11-final.pdf>. Acesso em: 25 de agosto de 2020.
32. TORRES, R. M. A educação em função do desenvolvimento local e da aprendizagem. In: Muitos lugares para aprender. São Paulo: CENPEC/ Fundação Itaú Social/ UNICEF, 2003. Citado por: FARIA. A. B. G. de. O Pátio escolar como ter[ritó]rio [de passagem] entre a escola e a cidade. In: AZEVEDO, G. A. N.; RHEINGANTZ, P. A.; TÂNGARI, V. R. (Orgs). O lugar do pátio escolar no sistema de áreas livres: uso, forma e apropriação. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2011. p. 39.
33. UNIÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO (UNDIME). 2020. Subsídios para a elaboração de protocolos de retorno às aulas na perspectiva das redes municipais de educação. Disponível em: <https://undime.org.br/uploads/documentos/php7us6wi_5ef60b2c141df.pdf> Acesso em: 7 de julho de 2020.

Realização



Uma iniciativa



Parceria

